



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

VÍTOR DARONCO FREIRE

A CBD E SUAS DISPUTAS DE PODER (1966-1974)

CAMPINAS

2021

VÍTOR DARONCO FREIRE

A CBD E SUAS DISPUTAS DE PODER (1966-1974)

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, na Área de Educação Física e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO VÍTOR DARONCO FREIRE, E ORIENTADA PELO PROF. DR. SÉRGIO SETTANI GIGLIO.

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

F883c Freire, Vítor Daronco, 1993-
CBD e suas disputas de poder (1966-1974) / Vítor Daronco Freire. –
Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Sérgio Settani Giglio.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação Física.

1. Havelange, João, 1916-2016. 2. Confederação Brasileira de Desportos.
3. Futebol - História. 4. História dos esportes. I. Giglio, Sérgio Settani. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Power battles on CBD (1966-1974)

Palavras-chave em inglês:

Havelange, João, 1916-2016

Brazilian Sports Confederation

Soccer - History

History of sports

Área de concentração: Educação Física e Sociedade

Titulação: Mestre em Educação Física

Banca examinadora:

Sérgio Settani Giglio [Orientador]

Renato Francisco Rodrigues Marques

José Paulo Florenzano

Data de defesa: 16-03-2021

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-1965-6814>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/4783164266451229>

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio
Universidade Estadual de Campinas
Orientador

Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques
Universidade de São Paulo
Membro titular da banca

Prof. Dr. José Paulo Florenzano
Pontifícia Universidade de São Paulo
Membro titular da banca

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha família,
pois nada seria possível,
se não fosse o suporte e apoio que eles me deram em todos os momentos.

Dedico também ao meu orientador,
Sérgio Giglio,
que me ensinou a observar o esporte com outras lentes.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha família por todo apoio e suporte durante a vida para todas as minhas vontades de aprendizados.

Agradeço o meu orientador, Serginho, por todos ensinamentos e ajudas que me deu durante esses anos juntos na graduação e na pós, quando me trouxe aos aprendizados da linda área de humanas.

Ao Renato Marques e ao José Paulo Florenzano, que fizeram parte da produção desse trabalho com ótimas sugestões durante a qualificação e disponibilizaram seu tempo para retornar na defesa.

A todas as pessoas maravilhosas que tive a oportunidade de conviver durante nossa vida na República Inferno. Sou muito influenciado por cada um de vocês e estarão marcados em mim para sempre.

Aos membros do grupo do futebol 012, Megeto, Dal'Bó, George, Negão, Drog, Toca e Du. Nos conhecemos carecas e estranhos, nos aproximamos por causa do futebol, alguns casaram, outros tiveram filhos e eu não sou mais careca. Amo vocês e o que a gente tem a distância não separa.

A todo o bonde da esquerda da UNI 15/16, Rafael, Caibe, Gabriel, Daniel e Maick. Estamos 180° a frente como melhor grupo de brasileiros que Iowa já viu e não tem como o tempo separar mais.

Aos meninos do Handebol de Itu que ainda estão junto comigo na caminhada da vida. Léo, Ovelha, Marquinho e Baiano. O que o esporte uniu, ninguém separa.

Aos meninos do Handebol da FEF e da UNICAMP, que me deram muitos momentos de alegria durante a vida universitário, além de amizades que nunca vou esquecer.

Ao Fidel, que apareceu repentinamente na minha vida, mas com uma conexão que gerou uma parceria e admiração eterna. Obrigado por todo apoio durante a produção dessa tese e na vida.

Ao meu psicólogo Pedro, que durante toda essa loucura de pandemia e isolamento, esteve ao meu lado e me ajudou a passar por todas as dificuldades que apareceram e me fortaleceu para conseguir passar por todo o processo do mestrado

Aos membros do Ludopédio. Primeiro por criar uma rica base de dados em futebol que gera uma grande melhora para todas as pesquisas de futebol no país. Segundo por me dar liberdade para entrar no site com a coluna do Camisa 012 e me proporcionar essa oportunidade.

Aos membros da Hemeroteca Digital Brasileira por criar esse acervo que salva a vida de todos os historiadores ao redor do país.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Esse trabalho teve apoio da CAPES no edital de 2019 com o número de processo institucional 130450/2019-7.

RESUMO

Essa pesquisa analisou, via reportagens da *Folha de S. Paulo* e *Jornal dos Sports*, a história da Confederação Brasileira de Desportes (CBD) e o fim da longa passagem de João Havelange na entidade. Por meio das reportagens, analisamos as disputas de poder da época referenciando Bourdieu e seus conceitos. Com esse estudo buscamos ter uma maior base de conhecimento científico sobre os processos que envolveram a dissolução da CBD e a formação de várias Confederações, entre elas, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Como consequência da formação desse *Campo* também analisamos o desenvolvimento da carreira de João Havelange, que é, reconhecidamente, um dos maiores nomes da gestão esportiva brasileira.

Palavras-chave: CBD, João Havelange, Planejamento México.

ABSTRACT

This research will study, via *Folha de S. Paulo* and *Jornal dos Sports* reports, the history of Confederação Brasileira de Desportes (CBD) and the end of João Havelange's long story at the entity. With the stories, we will analyze the power battles of the time using Bourdieu and your concepts. With this research, we pretend to get a higher scientific knowledge about the old entity that led many sports in the country and when it ended, it became the Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Beyond that, we will analyse the João Havelange's career development, which is recognized as one of the brightest person of brazilian sports management history.

Keywords: CBD, João Havelange, Planejamento México.

LISTA DE SIGLAS

APEA	Associação Paulista de Esportes Atléticos
AMEA	Associação Metropolitana de Esportes Athleticos
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CND	Conselho Nacional de Desportos
COSENA	Comissão Seleccionadora Nacional
FCF	Federação Carioca de Futebol
FIFA	Federação Internacional de Futebol
FPF	Federação Paulista de Futebol
FSP	Folha de S. Paulo
JS	Jornal dos Sports
SNI	Sistema Nacional de Informação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
MÉTODO.....	16
1. JOÃO HAVELANGE: A trajetória retratada pela imprensa	21
2. PÓS COPA DE 1966 E PLANEJAMENTO MÉXICO.....	30
3. DESMANCHE DA COSENA E MANUTENÇÃO DA ERA HAVELANGE NO PODER.....	47
4. TRICAMPEONATO E ELEIÇÃO A FIFA.....	55
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	80

INTRODUÇÃO

Em 1916, o ministro das Relações Exteriores Lauro Müller, preocupado com a imagem que a ausência de um selecionado brasileiro no I Sul-Americano de futebol pudesse gerar, fundava, em Copacabana, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Logo após sua criação, a CBD estava oficialmente filiada tanto à Confederação Sul-Americana de Futebol como à FIFA. Durante os primeiros 40 anos da entidade, ela foi dirigida por homens cariocas envolvidos com o futebol. Essa regionalização gerava constantes disputas de poder¹ com os paulistas, que também tinham um futebol de boa qualidade e visibilidade. Essas disputas movimentavam os *capitais* do *Campo* do Futebol Brasileiro (SARMENTO, 2006).

Os termos aos quais Sarmiento (2006) faz referência – capital e campo – foram cunhados por Bourdieu. Para o sociólogo francês, *Campo* é um espaço simbólico parcialmente autônomo com disputa de capitais entre os componentes (BOURDIEU, 1983). Para pensar esse conceito, vamos utilizar o *Campo* do futebol brasileiro como exemplo: em 1916, quando houve a fundação da CBD, já existia o futebol no país, que era gerido por outras instituições regionais (como a Associação Paulista de Esportes Atléticos - APEA e a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos - AMEA), os quais tinham o controle de um recorte do esporte brasileiro. Essas instituições disputavam sobre qual entidade tinha maior poder sobre o esporte.

Devemos pensar no *Campo* do futebol como um *subcampo* do esporte, mas não podemos deixar de valorizar a força que esse *subcampo* tem dentro desse *Campo* esportivo, pois concentra muitos *capitais* em muito dos seus componentes. Esses componentes os dão um maior potencial de alcance de *capitais* em outros *Campos* que melhora sua posição social em âmbitos pessoais e profissionais (SOUZA, ALMEIDA e MARCHI JÚNIOR, 2014).

Souza, Almeida e Marchi Júnior (2014) reforçam a utilização e a importância do estudo do *Campo* do futebol a partir dos conceitos de Bourdieu, por conta do “trampolim social” esportivo. Contando que muitas pessoas que se tornam influentes nesse *Campo*, acabam acumulando *capitais* que os dão mais poder em outros *Campos* da sua vida. O estudo de Zardo, Souza e Starepravo (2018) mostra que boa parte dos gestores máximos

¹ Weber (1999) define poder como a probabilidade de fazer sua vontade mesmo com opiniões contrárias.

do *Campo* do futebol brasileiro são pessoas de carreira política que buscam uma melhora social e profissional a partir da sua posição com o futebol e o esporte brasileiro.

Com o surgimento da CBD e chancela, tanto da Confederação Sul-Americana quanto da FIFA, para que essa entidade representasse o esporte no país, houve uma movimentação no *Campo* do Futebol Brasileiro, fazendo com que a CBD se tornasse a entidade com mais capitais. Esse controle era mal visto por aqueles que cada vez mais se afastavam do poder, como os paulistas. Durante esses três anos iniciais da CBD, os paulistas se posicionaram contra várias decisões, por se ver com cada vez menos *capitais* no *Campo*, já que a CBD foi criada no Rio de Janeiro por cariocas. Sendo assim, a APEA foi um dos maiores obstáculos para a fixação da CBD como entidade mor do futebol brasileiro.

No referencial bourdiesiano, *Capital* é aquilo que está em jogo dentro do *Campo* e cada *Campo* tem as suas disputas. A partir dessas disputas surgem dois extremos: os dominantes e os dominados. Ambos buscam acumular e maximizar *capital*, entretanto, os dominantes, além de serem os maiores detentores de *capital*, também são os que tem mais potencial para acumulá-lo, já que dependendo de onde se está localizado dentro do *Campo*, torna-se mais difícil de realizar tal acúmulo. Os *capitais* são divididos em quatro tipos: econômico, cultural, político (social) e simbólico. Para pensar o *Campo* do futebol brasileiro e suas disputas, vamos utilizar mais os *capitais simbólicos* e *políticos*, já que esses são os *capitais* que comandam as disputas. Por mais que o acúmulo desses capitais seja diretamente relacionado com o ganho de outros (principalmente econômico), o grande embate se concentra em relação a ter maior poder sobre as relações e sobre a imagem pessoal, seja da pessoa ou da instituição (BOURDIEU, 1986).

Com as disputas de *capitais*, foi sendo modulado o *habitus* do *Campo*. O *habitus* é uma estrutura estruturada estruturante, ou seja, o *habitus* é estruturado pelos agentes do *Campo*, porém ela também conduz as suas ações, gerando o dinamismo do *Campo* e da *doxa*. A *doxa* são partes e estruturas da sociedade que os agentes do *Campo* acreditam inconscientemente. Por exemplo, em 1920, do *Campo* do futebol Sul-Americano acreditava-se que o Uruguai tinha maior organização e talento tendo, portanto, mais poder dentro dele. Sendo assim, muitos trabalhavam com o futebol como se isso fosse uma realidade sem questionar essa *doxa* imposta e quando os uruguaios eram referenciados, havia um tom de idolatria, vindo de pessoas que não acompanhavam e/ou estudavam o futebol uruguaio, para conhecer e saber se esse pensamento era real.

O *habitus* e a *doxa* estão constantemente relacionados, pois com a alteração das crenças que os agentes do campo acreditam inconscientemente (*doxa*), há a alteração do *habitus*, que é estruturado pela *doxa* imposta. As pessoas que tentam manter a *doxa* imposta são conceituados como *ortodoxos*, já os que querem mudar a *doxa* presente, são conceituados de *heterodoxos*. Sendo assim, em 1916, o futebol brasileiro era amador, porém ações de agentes *heterodoxos* iniciaram uma liga de futebol profissional que cresceu de tal forma que quase desbancou a CBD no início da década de 1930, o que obrigou a CBD a se unir ao governo federal e, contra sua vontade, tornar o futebol brasileiro profissional.

Esse é um *paradoxo da doxa* (BOURDIEU, 2002). São introduzidas na *doxa* falsas verdades sobre a sociedade e seus *Campos*, que se perpetuam com extrema facilidade e exige esforço por parte dos *heterodoxos* para desmistificá-las, como que não havia concorrentes à altura do Uruguai no futebol sul-americano e de que os cariocas eram os responsáveis por gerir o futebol brasileiro. Esse é um momento da *doxa* em que, mesmo quem é oprimido por ela, a legitima, gerando uma violência simbólica do *Campo* em alguns agentes.

Nesse momento, no *Campo* do futebol sul-americano, os uruguaios e os argentinos detinham mais *capitais* por conta da organização do seu futebol e pelo nível dele, além de decidirem a final dos Jogos Olímpicos de 1928 e a Copa do Mundo de 1930. O Brasil tentava conquistar o seu espaço, mas as desavenças entre paulistas e cariocas desafiavam o selecionado brasileiro a se exibir no seu mais alto nível possível e a derrota na semifinal da Copa de 1938 veio para comprovar esse potencial mal utilizado. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a pausa forçada das competições esportivas, esse desejo de se colocar em uma posição de destaque no *Campo*, teria que ser adiado.

Em meio às disputas e mudanças do *Campo*, a CBD se manteve em uma posição social de destaque dentro do *Campo* do futebol nacional e almejando uma posição maior dentro do *Campo* do futebol mundial, sabia da importância de uma vitória na Copa do Mundo, após o sucesso organizacional da Copa de 1950. E, então, em meio a perdas de *capitais simbólicos* nas derrotas de 1950 e 1954, em 1958, a CBD elege João Havelange como presidente.

Para esse estudo, investigamos as transformações ocorridas na CBD de 1966 a 1974. Esse período corresponde ao último ciclo de Havelange no comando da entidade. Após sair vitorioso nas Copas de 1958 e 1962, o Brasil acumulou dois reveses nesse período (1966 e 1974) e uma conquista, o tricampeonato de 1970.

O ano de 1966 representa, simbolicamente, um ponto chave na trajetória de Havelange. A Copa da Inglaterra marca não só o fracasso de uma seleção que “deveria” buscar o tricampeonato, mas também o contato mais direto de Havelange com o inglês Stanley Rous, então, presidente da FIFA. Será com ele, oito anos mais tarde, a disputa para presidir a FIFA.

Embora o ciclo contemplado na investigação seja para entender a dinâmica de poder da CBD, não há como separar a entidade de quem a comandava. Desse modo, a pesquisa também procurou identificar e analisar alguns embates que envolveram, especialmente, João Havelange. Essa caminhada de João Havelange é importante para analisar o futebol brasileiro da época, já que ele era o agente com mais *capitais* e mais responsabilidades do esporte nacional do *Campo*. Suas ações e reações implicam em entender o *modus operandi* de como o poder estava sendo distribuído e como os dominantes agiam sobre os dominados nesse momento. Porém, nesse jogo de disputas e conquistas pessoais, a CBD começa a perder *capitais* nos *Campos* do esporte nacional e do futebol nacional.

MÉTODO

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa histórica para o estudo das ações dos dirigentes esportivos, mais especificamente no período final da existência da CBD, e as ações de João Havelange, também nesse período. Para essa pesquisa, recorreremos a análise documental a partir de dois periódicos jornalísticos, o *Jornal dos Sports* e a *Folha de S. Paulo*, no período de 1966 a 1974. A análise dos dados foi direcionada pelas categorias analíticas do sociólogo Pierre Bourdieu.

A análise documental nos ajuda a investigar os personagens históricos de diferentes áreas sem que eles sejam esquecidos. Conforme diz Pimentel em sua produção:

Embora alguns personagens, instituições e acontecimentos não pertençam ao cenário atual, isso não significa que estejam confinados ao esquecimento. Ao contrário, eles estão presentes de alguma forma em cada um de nós, em nossa atuação e em nossa produção de conhecimento, pois estamos envolvidos e partimos exatamente do que anteriormente foi elaborado.

Investigar o fazer e o saber de personagens que produziram o conhecimento psicológico é desenvolver um trabalho de reconstituição da memória desta área científica que, muitas vezes, vive e revive “crises” acerca dos paradigmas que emergem da própria complexidade do seu objeto de estudo e como consequência do pouco tempo de sua autonomia como campo científico. (2001, p. 192)

Para Bloch (2002), o objeto de estudo na história, deve ser os homens no tempo, pois o conhecimento está em constante aperfeiçoamento e que, por consequência, há um diálogo e uma conexão entre as ações dos componentes do *Campo* no passado e no presente. Iremos refletir e analisar as ações, pensando que a história é um conhecimento sobre as experiências que os homens passaram no tempo e que, a partir destas reflexões, traremos novos conhecimentos para o homem na atualidade e no futuro (AROSTEGUI, 2006).

Para Souza e Marchi Júnior (2017a), é importante que se analise historicamente os componentes do *Campo*, pois se analisarmos os membros mais poderosos (como a CBF) em pontos importantes de sua história, temos uma melhor análise dela. Entretanto, as análises atuais transmitem apenas suas ações como se fossem novas e desconsideram que houve ações passadas que estruturaram o *habitus* (e são estruturados por isso até hoje).

Seguir a visão de Bourdieu, nos possibilita relacionar o *Campo* do futebol com outros *Campos* sociais e nos impede de pensá-lo como algo fechado, ou seja, que suas ações são retornadas somente para si (individualmente ou coletivamente, mas somente em prol do futebol). Isso nos ajuda a estudar o esporte considerando que ele tem envolvimento com outros *Campos*. Suas ações não são feitas pensando somente no melhor do evento e sim que esses pensamentos de melhora são influenciados por forças externas como, por exemplo, as leis nacionais que interferem no futebol ajudando-o com incentivos e atrapalhando com leis que impedem movimentações do futebol (SOUZA e MARCHI JUNIOR, 2017b).

Segundo Duranti (1994), os documentos jornalísticos são uma fonte para pesquisas históricas por manter os dados daquela época arquivados e conservados. Entretanto, devido aos autores, estes não estão isentos de parcialidade na sua escrita. A análise histórica não pode ser pesquisada em laboratório, pois os acontecimentos não podem ser reproduzidos e analisados. Por conta disso, a pesquisa histórica deve ser feita a partir de deduções, já que esta trabalha com probabilidades e não com certezas.

Os discursos da mídia têm extrema importância, por serem discursos de memória e identidade que têm poder de atingir públicos, além de serem opiniões “validadas” pela condição de estarem na mídia (ENNE, 2014). Seguindo essa linha de raciocínio, realizamos uma revisão bibliográfica buscando pesquisas históricas que envolvam o esporte (futebol principalmente) e João Havelange no período citado acima.

Para realizar a pesquisa nas fontes jornalísticas, utilizamos o acervo online da *Folha de S. Paulo* e a base de dados *Hemeroteca Digital Brasileira* para acessar o *Jornal dos Sports*. Nos acervos, utilizamos as palavras-chave “Havelange” e “CBD” para realizar nossa investigação pelas páginas dos jornais.

A escolha dos referidos jornais se justifica por conta do *Jornal dos Sports (JS)* ser uma produção especificamente esportiva, o que nos traz informações de uma mídia especializada no esporte e, principalmente, no futebol. Entretanto, o JS era um jornal carioca e esse momento do *Campo* do futebol nacional tinha em sua estrutura, um conflito entre cariocas e paulistas, por isso a *Folha de S. Paulo* foi incluída, por poder fornecer uma visão dos debates paulistas em torno dos acontecimentos do *Campo* e como estes lutavam por *capitais*.

A utilização da imprensa para a coleta de dados históricos em pesquisas vem sendo mais utilizada nos tempos atuais, por nos fornecer informações que não se encontram em outros locais ou tipos de pesquisa e pela facilidade de acesso aos acervos online como a

Hemeroteca Digital Brasileira. Nos jornais podemos encontrar opiniões pessoais e discussões que nos ajudam a entender o que estes queriam que ficasse representado do momento para a população. Com isso, os jornais nos ajudam a realizar relações com o processo histórico que culminaram em acontecimentos marcantes (LEITE, 2015). A mídia tem um grande poder por movimentar massas pelas opiniões e fatos colocados nela, ou seja, a forma com que você exibe uma ideia ou relata um fato na mídia, tem força na população e em outros *Campos* (GABRIEL e FREITAS JUNIOR, 2016).

Devemos salientar novamente que as opiniões dos jornais não contêm a verdade absoluta, pois jornais diferentes contam histórias diferentes. São apenas personagens do *Campo* que tinham *capitais* suficientes para fazer com que sua escrita pudesse moldar o pensamento dos agentes do campo. Esses agentes acreditam no que leem e ainda reproduzem esses discursos em diferentes grupos sociais, tornando-os ainda mais potentes dentro do pensamento humano e suas revoluções.

Seguindo essa linha de raciocínio, iremos estudar sobre essas passagens jornalísticas tendo como foco analisar e refletir as ações dos homens no tempo (BLOCH, 2002; AROSTEGUI, 2006). Passamos pelas nuances do *Campo*, desde a pressão esportiva da conquista do título até fatores externos, como a ditadura militar. Bourdieu trouxe aos estudos das ciências sociais um grande avanço por buscar dialogar com os estudos da história e da sociologia. Bourdieu pensa o conceito de *Campo* como sendo um “espaço” de regras e movimentações específicas ditados pelo *habitus* (CHARTIER, 2002). Sendo assim, os acontecimentos históricos dentro do campo foram movimentados, e movimentaram o *habitus* do *Campo* analisado. Dessa forma não seria correto realizar uma análise histórica, sem realizar concomitantemente uma análise sociológica do *Campo*.

Por conta desses fatores, nossa pesquisa caminha como uma análise histórica-sociológica do tempo e dos *Campos*, não só de acordo com as pessoas que detinham o poder e os capitais dentro dele, mas também com outras microestruturas que a partir de seus ideais e revoltas, conseguiam alterar o *habitus* do *Campo*. Realizar uma pesquisa no *Campo* esportivo nacional de 1966 a 1974, sem considerar os embates políticos e as disputas de poder, não seria uma análise conectada e contextualizada com suas carreiras. Já que o futebol foi (e ainda é) um meio utilizado por políticos e personagens para atrair a população. Esse meio continha pensamentos, lógicas e revoltas e foram de extrema importância para o andamento do *Campo*.

1. JOÃO HAVELANGE: a trajetória retratada pela imprensa

João Havelange foi o personagem mais importante na gestão do esporte nacional, considerado por muitos o maior dirigente do século XX e tem uma participação vital na história do futebol, da CBD e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). A Copa do Mundo de Futebol de 1970, que é um dos assuntos mais estudados pela ciência dentro da história do futebol, deve ter seus *capitais simbólicos* entregues a Havelange que foi a imagem que os militares usaram para trazerem pra si os méritos do título e não deixar somente para os jogadores (ROCHA, 2019a).

Antes de avançar na trajetória de Havelange é preciso fazer uma digressão sobre como construímos a análise de sua trajetória. A reconstrução da caminhada e das disputas pelas quais Havelange esteve envolvido formam o *Campo* de atuação do dirigente brasileiro. E esse campo ao qual Havelange esteve inserido foi aqui analisado por meio dos jornais. De um lado, o *Jornal dos Sports* e do outro a *Folha de S. Paulo*. A presença de ambos não tinha a finalidade em validar ou refutar alguma informação, mas de mostrar que as disputas também passavam pelas narrativas de ambos os jornais.

O *Jornal dos Sports (JS)* foi fundado em 1931 por Argemiro Bulcão e se tornou o primeiro jornal específico sobre esportes da história do país. Ele surgiu no período em que as entidades esportivas disputavam e se dividiam por conta da profissionalização do futebol, e Bulcão era a favor de uma união de todas elas (fato que aconteceria em 1937) (COUTO, 2016). Porém, em 1936, o jornalista Mário Filho comprou o *Jornal dos Sports* e mudou o caminho da instituição. Como um excelente jornalista e escritor, ele montou uma equipe de profissionais capacitada para mudar a história do jornalismo esportivo brasileiro (COUTO, 2017). Importante relatar a proximidade de Mário Filho (e consequentemente, o *Jornal dos Sports*) com o João Havelange, vide que essa proximidade possibilitava notícias imparciais que protegiam e alavancavam o presidente da CBD.

Com essa novidade na imprensa, o *Jornal dos Sports (JS)* ganhava imediatamente o seu espaço no *Campo* do esporte nacional por contar com *capitais políticos* de seus escritores/organizadores e *capitais simbólicos* por conta do simbolismo que a especificidade do *JS* trazia para seus leitores, já que a imagem de um jornal específico traz mais confiança ao conteúdo dele que outros jornais generalizados (COUTO, 2016). O *JS* se utilizava de duas estratégias para o acúmulo de mais *capitais*: o clubismo e o denunciamento. Com o clubismo ele atraía os apaixonados pelas equipes de futebol do Rio

de Janeiro que se tornaram adeptos do jornal, gerando ganho de *capitais econômicos* com as vendas e *capitais simbólicos* com a popularidade do jornal e, com o denunciamento, ele ganhou *capitais políticos*, já que tinha o poder de desmoralizar qualquer instituição dentro de suas colunas (COUTO, 2019).

O jornalismo brasileiro dialogou com o sensacionalismo e com a dramatização e não na qualidade do conteúdo em si, além de ocorrer uma supervalorização da velocidade da entrega da informação, fazendo com que jornalistas atravessassem tudo para serem os primeiros a ter a notícia em mão. Além disso, os jornais dão *capitais* aos seus jornalistas em assuntos que outras pessoas têm maior conhecimento, por exemplo, o *Campo* esportivo brasileiro atual tem muitos jornalistas que detêm *capitais simbólicos e políticos* sem que ele tenha estudado sobre o assunto (BOURDIEU, 1997). O *Jornal dos Sports* montou uma equipe de jornalistas que detinham uma boa parte dos *capitais* do *Campo* (que estavam ao alcance do jornalismo). Com isso, trouxe para seu jornal a atenção daqueles que buscavam notícias esportivas mais detalhadas e aqueles que queriam ouvir opiniões dos que detinham os *capitais* necessários para serem reconhecidas como as mais racionais.

A *Folha de S. Paulo* foi a junção das três Folhas que eram circuladas em São Paulo: A Folha da Manhã (fundada em 1925), a Folha da Noite (fundada em 1921) e a Folha da Noite (fundada em 1949). Então, no início da década de 1960, as três edições eram unidas para o nascimento da *Folha de S. Paulo*. Após isso, o jornal precisava de *capitais políticos e simbólicos* para sua estabilização que foram acumulados devido a uma aproximação aos militares e apoiando a ditadura de 1964 (DIAS, 2019). Todavia, sendo um jornal independente e querendo mostrar essa independência, sofreu com as censuras, e as ameaças dela, durante a ditadura militar, ou seja, ele tinha ideias próprias e se colocava em uma posição de oposição ao governo, entretanto, a mídia não tinha esse espaço naquele momento.

Mesmo sendo um jornal recém-fundado e independente, por ter escritores e editores renomados do *Campo* e por ser uma união de outros três jornais, trazia muitos *capitais*. Sendo assim, o jornal assume imediatamente um certo protagonismo na mídia paulista. No nosso estudo, ele vai nos dar uma visão das opiniões e reportagens paulistas sobre os acontecimentos, pois nesse período o *Campo* do futebol brasileiro se encontrava em conflito constante de paulistas e cariocas pelo poder. Sabendo disso, se torna importante ter uma observação comparativa das visões que os paulistas (com a Folha) e os cariocas (com o JS) passava.

A caminhada de Havelange na CBD começa em 1953, quando ele se torna cabo eleitoral para a candidatura de Silvio Pacheco. João Havelange sabendo que o caminho para a presidência da CBD através do futebol era muito difícil, por conta de ser um espaço com seus contatos políticos e amizades bem fechados. Além disso, era sabido que a CBD comandava 23 modalidades mais o futebol. Sendo assim, ele buscou sua campanha de maneira diferente da qual usualmente era realizada e se aproximou de pessoas no Norte e no Nordeste.

Federações esportivas de São Paulo ou do Rio eram divididas entre dirigentes, diferente do Norte e Nordeste que as Federações ficavam concentradas na mesma família, ou até mesmo na mesma pessoa. Sendo assim, alianças montadas nessas regiões podiam significar cinco ou seis votos de federações esportivas na eleição da CBD. Com esse pensamento, Havelange caminhou por todos os estados brasileiros criando alianças e prometendo uma direção mais completa, dando atenção a mais modalidades e não somente ao futebol (RODRIGUES, 2007).

A chapa que ele representava se tornou vitoriosa e ele conseguiu o cargo de Diretor de Esportes Aquáticos (1954-1955) e, na sequência, tornou-se vice-presidente entre 1956 e 1957. Até que, em 14 de janeiro de 1958², João Havelange foi eleito presidente da CBD com a imediata missão de tornar o selecionado brasileiro campeão mundial de futebol.

JOÃO HAVELANGE É O NOVO PRESIDENTE



As sessões de ontem na Confederação Brasileira de Desportos foram bastante agitadas por discussões entre a situação e a oposição. Al vemos o candidato Carlito Rocha quando fazia o seu veemente protesto. O presidente Silvio Pacheco parece não tomar conhecimento do assunto, enquanto o deputado Mendonça Falcão pede calma. Foi um pleito dos mais movimentados no campo das discussões de teses

Jornal dos Sports, 15 de janeiro de 1958, edição 08704, p. 1.

² *Jornal dos Sports*, 15 de janeiro de 1968, edição 08704, p. 1

João Havelange logo em sua entrada foi muito questionado por sua falta de conhecimento em futebol, esporte sempre comandou politicamente a CBD, sendo o primeiro presidente eleito que não tinha tido uma carreira de dirigente no futebol, e, além disso, o primeiro a ter ficado por grande parte da sua vida em São Paulo. Apesar de João Havelange desagradar os comandantes da entidade, ele agradava muitos que almejavam mais *capitais* no *Campo*, como os membros de outras modalidades esportivas e membros de estados que eram, até então, marginalizados pela entidade³.

O *Campo* teve, durante sua formação, a criação de um *paradoxo da doxa* (BOURDIEU, 2002), no qual foi estabelecido como uma verdade de que os cariocas detinham todo o poder de decisão e logo eram os principais agentes do *Campo*. A entrada de João Havelange ameaçava a perpetuidade desse paradoxo, já que Havelange tinha muitos contatos importantes em São Paulo e poderia gerar turbulências nessa *doxa*.

Conforme dito anteriormente, as derrotas que o Brasil sofreu em 1950 e 1954 fez com que a CBD perdesse *capital simbólico* no *Campo* esportivo nacional, principalmente pelo fato de as derrotas terem sido justificadas por uma suposta fragilidade psicológica dos atletas brasileiros. Porém, essa “fragilidade psicológica” não tirava o potencial que aquela seleção tinha devido a qualidade dos jogadores. Sabendo desse acontecimento, Havelange organizou uma estrutura extremamente complexa e detalhada com muitos profissionais envolvidos para a preparação do selecionado para a Copa da Suécia, em 1958. Entretanto, o vice-campeonato de 1950 trouxe *capitais simbólicos* ao futebol brasileiro no *Campo* do futebol mundial. Além de sediar a Copa de um modo louvável, a seleção jogou futebol de uma maneira que agradou o mundo e, mesmo perdendo a final, trouxe atenções estrangeiras para o futebol brasileiro.

João Havelange foi um dos pioneiros do envolvimento de psicólogos para treinamento mental esportivo no país e esse investimento, apesar de muito criticado, não decepcionou. João Carvalhaes que foi o psicólogo selecionado para o trabalho, tem sua intervenção na seleção estudada até hoje por conta de ser algo inovador para o futebol da época mostrar resultados positivos imediatamente (HERNANDEZ, 2011). Durante a Copa, a equipe brasileira foi colocada sob condições adversas em vários momentos, mas conseguiu se controlar e superar os adversários um a um, conquistando o tão almejado título mundial (SARMENTO, 2006; MAGALHÃES, 2016). Além disso, Machado (2014) observa que, a partir de 1958, com a inserção do médico Hilton Gosling, a atuação

³ *Jornal dos Sports*, 16 de fevereiro de 1958, edição 08705, p. 5.

de médicos no selecionado aumentou, já que antes eles atuavam somente na recuperação de jogadores e, a partir de Havelange e Gosling, eles começam a atuar na preparação da equipe e prevenção de lesões.

O título da Copa do Mundo trouxe *capitais simbólicos* para a CBD, que a colocou em uma posição de destaque no *Campo* do futebol mundial, já que havia sucedido na organização da Copa de 1950 e as participações esportivas na década haviam sido vitoriosas. Porém, João Havelange foi quem mais se destacou com esse título, pois suas estratégias ousadas que haviam sido muito criticadas, se provaram certas, dando a ele *capitais simbólicos* e *políticos*. Um dos resultados dessa conquista já no seu primeiro ano como presidente da CBD, foi o de ficar em uma posição social extremamente elevada dentro do *Campo* do futebol nacional.

Após o título, Havelange buscando manter sua posição social dentro do *Campo* do esporte nacional, honrou sua promessa de suporte às modalidades olímpicas nos primeiros anos de governo e deu um apoio financeiro muito maior que as gestões anteriores. Esse suporte foi comprovado nos Jogos Olímpicos de 1960, onde com uma delegação quase duas vezes maior que na edição de 1956, conquistou resultados importantes para mostrar que o país tinha potencial para conquistar cada vez mais medalhas (SARMENTO, 2006). Todavia, o futebol ainda ocupava um lugar de protagonista no *Campo* dos esportes brasileiros, por acumular *capitais econômicos* que sustentavam praticamente todo o *Campo*. Isso se comprova pela incerteza que a delegação brasileira sempre passava de não conseguir financiamento para ir aos Jogos Olímpicos (GIGLIO, 2013).

Esse poder do futebol se estabeleceu ainda mais em 1962, com a conquista do bicampeonato mundial de futebol. O futebol brasileiro, que até início de 1958 ocupava uma posição mediana no *Campo*, quatro anos depois se encontra bicampeão mundial e com o melhor jogador do mundo. Isso dá *capitais* suficientes para nos colocar como um dos melhores do mundo. Entretanto, ainda não dava *capitais políticos* suficiente para ter poder sobre as decisões do *Campo*.

O poder do bicampeonato mundial ajudou a CBD a fazer uma temporada de amistosos em 1963 passando por nove países diferentes. Infelizmente, os resultados nesses amistosos não foram os esperados, o que fez com que a temporada preparatória do selecionado acumulasse os *capitais econômicos* a entidade, mas perdesse *capitais simbólicos* no *Campo* do futebol nacional ao receber muitas críticas da imprensa. Além disso, mesmo com os ganhos financeiros, a CBD não conseguiu continuar crescimento

nos esportes olímpicos, enviando para os Jogos Olímpicos de 1964, uma delegação um pouco menor que nas últimas edições (SARMENTO, 2006).

Havelange era reconhecido por sua capacidade social de criar e manter contatos que lhe ajudavam durante sua trajetória. Ele era capaz de conseguir apoio de dois rivais para o mesmo feito e ajudar diversas pessoas, que retribuía favores sempre que necessário. Contudo, Havelange foi criticado por conta dessa postura e suas criações com parcerias políticas perigosas, principalmente durante o período da ditadura (RODRIGUES, 2007). A ditadura militar influenciou o *Campo* do futebol brasileiro, por ver ele como uma ferramenta na busca da nacionalização e na integração do país em torno do esporte. Suas primeiras ações, sem contar as que envolveram o selecionado brasileiro, foram de incentivar a criação de um Campeonato Nacional de clubes. Após isso se consolidar, os incentivos foram direcionados para que esse campeonato abraçasse todas as regiões do país, com o objetivo de marcar o futebol como uma prática nacional (SILVA, 2016).

Havelange era um grande detentor *de capitais* nos *Campos* do futebol nacional, do esporte e da política, que o tornavam um gestor excepcional para qualquer entidade brasileira da época. Vir de uma família com uma quantidade de *capital econômico* considerável, gerou bons contatos pra ele, que o trouxe *capitais políticos* interessantes ao longo dos anos. Isso produzia um ciclo vicioso: esses *capitais políticos* o ajudavam a acumular mais *capitais econômicos*, que o trazia uma facilidade em aparecer em locais importantes, com pessoas reconhecidas trazendo *capitais simbólicos* fundamentais para suas ações. Essa junção salvou a CBD durante sua passagem inúmeras vezes, como durante a Copa de 1958, por exemplo, em que ele não viajou a Suécia para ficar no Brasil coletando empréstimos com seus contatos para bancar as despesas da delegação que estava competindo. O estresse físico e mental desse momento foi tão grande, que Havelange desmaiou após a Copa e teve que ser internado (RODRIGUES, 2007).

Entretanto, essas perigosas amizades trariam um revés. Seu chefe de delegação Paulo Machado de Carvalho, que também era fundador da Rede Record de televisão, entrou em uma discussão com Havelange. O paulista Paulo Machado veio a se tornar um dos principais agentes do *Campo*, abalando o *paradoxo da doxa* de que os cariocas deveriam ter controle do *Campo*. Além disso, o presidente defendia o lado dos clubes em um acordo sobre os direitos televisivos do Campeonato Nacional, e Paulo Machado, defendia o lado das emissoras.

Essa e outras discussões desgastaram a relação dos dois e o Marechal da Vitória (como era conhecido Paulo Machado) se retirou da sua função na CBD após os títulos da Copa de 1958 e 1962, obrigando João Havelange a chefiar a delegação pela primeira vez na vida. Com a queda na fase de grupos da seleção, muitas críticas vieram, principalmente a Havelange, crucificado por acumular as funções de presidente da entidade e chefe de delegação, além de ser acusado fazer campanha para presidente da FIFA ao invés de fazer seu trabalho com a seleção (RODRIGUES, 2007).

Pensando nesse momento do *Campo* do futebol nacional e da trajetória de Havelange, Bourdieu (1989) vai nos trazer direcionamentos para essa escrita com a premissa de que as relações sociais são afetadas por forças externas que não agridem o corpo gerando uma violência simbólica. *Campos* são organizados de forma que haja uma criação de regras sociais que impedem a obrigação de certas ações e estilos de vida. Entretanto, há uma criação de hierarquias que legitima uma pressão social de realizar certas ações (como forma de se vestir e se comportar em ambientes públicos), que dá *capitais simbólicos* para os agentes que obedecerem a essas regras e os fornece um potencial maior de acumular outros *capitais* nessa disputa. Essas “regras” acabam sendo repassadas hierarquicamente a toda a população, fazendo com que agentes que se rebelem a elas, sejam julgados e ridicularizados. Consequentemente, isso os deixa mais longe de acumular *capitais* que os faça crescer socialmente no *Campo* e diminui o *poder* dessas pessoas.

Essas “regras” são criadas por grupos que estão acima da pirâmide social, como partidos políticos, pensando nisso Michels (1969), vai escrever sobre a “lei de ferro da oligarquia”. Com esse trabalho, podemos pensar que os grupos tendem a criar uma oligarquia (um pequeno grupo que o comanda), por uma questão de facilidade de organização. A população que apoia certos grupos e movimentos sociais não tem o *capital simbólico* e *político* necessário para ter o poder que dará a autonomia para alterar essas “regras”. Sendo assim, esse poder simbólico é comandado por um pequeno grupo de pessoas que serão selecionadas como representantes de outros por meio de votação (na democracia). Então, os eleitos estão responsáveis por atender à vontade daquela população que o elegeu.

Esses grupos políticos quando chegam ao poder tem o objetivo de atender as necessidades de quem o elegeu e suas ideias que o fizeram não somente ser eleito, mas se manter no poder para conseguir realizar suas vontades por mais tempo. Para isso estes têm que buscar resultados dentro do *Campo* que entregue os *capitais* necessários para

manter o poder. Por conta disso, muitos líderes se desvirtuam das ideias que os levaram ao poder para que este consiga se manter no poder. Isso gera uma violência simbólica na população que deve aceitar as decisões tomadas por um pequeno grupo de pessoas, que criam “regras” em suas vidas.

A estrutura política dos clubes brasileiros facilita a formação de oligarquia (COUTO, 2017) e esse pequeno grupo de pessoas que comandam clubes e o futebol brasileiro exercem uma violência simbólica na população brasileira, já que não podemos deixar de destacar a importância do esporte na nação por ser uma paixão nacional e algo que movimenta nossos sentimentos de identidade individual e coletiva (DAMATTA, 1994). Couto (2017) e Oliveira (2018) comprovam a ocorrência da oligarquização no Corinthians e Santos, respectivamente, pela longa passagem de diretores no poder dos clubes. Eles observaram que os diretores mudavam os estatutos e direcionavam seus recursos para espaços que os dessem os *capitais* necessários para se manter no poder, como investimentos nos parques sociais do clube, buscando o apoio dos sócios, e investimentos no clube profissional, buscando resultados que os dessem o *capital simbólico* necessário para manter a satisfação dos votantes.

Tendo isso em pauta, podemos dizer que Havelange foi um dos grandes responsáveis pela oligarquização do futebol brasileiro, principalmente entre as décadas de 1950 e 1980. O bicampeonato mundial trouxe para Havelange muitos *capitais* simbólicos necessários para ter o poder que ele adquiriu. Para consolidar essa influência no *Campo*, ele começa a trabalhar em busca do que achava necessário para emancipar esse poder (que neste caso era o tricampeonato mundial de futebol), e isto o fez deixar de lado os ideais que o colocaram no poder, como o apoio a outros esportes.

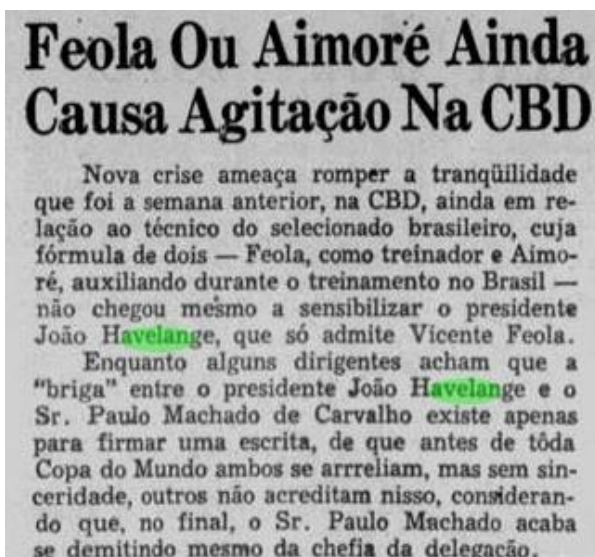
Como complemento de suas ações, Havelange era muito hábil na construção de uma rede de troca de favores. Ideia essa que também é encontrada nos clubes brasileiros de diferentes formas (COUTO, 2017; OLIVEIRA, 2018), com diferentes personagens desde o *Campo* futebolístico, passando pelo *Campo* empresarial e indo até o *Campo* político. Essa rede o ajudou a se manter no poder do futebol brasileiro por muitos anos, por contar com o apoio de muitas pessoas influentes e bem localizadas que o apoiavam e, além de apoiar, divulgavam seu apoio em espaços que geravam uma massificação positiva da sua imagem como gestor esportivo. Esse apoio, aliado aos bons resultados esportivos no seu mandato, facilitava a manutenção do poder, já que os votantes, por estarem afastados das discussões, deviam decidir seu voto e seu apoio perante a essas falas e opiniões divulgadas sem ter conhecimento real da situação (BOURDIEU, 1989).

Isso o colocou em uma posição social no *Campo* que o tornava praticamente inalcançável, o que pode ser comprovado pelas eleições a CBD, que praticamente não tinha oposição, e sua saída, por vontade própria.

2. PÓS COPA DE 1966 E PLANEJAMENTO MÉXICO

O ano de 1966 se iniciou com muita expectativa do povo brasileiro que aguardava ansiosamente por mais uma aparição do selecionado brasileiro em Copa do Mundo e dessa vez defendendo o bicampeonato mundial. A ansiedade de se tornar o primeiro país do mundo a conquistar o tricampeonato e, conseqüentemente, ter a posse definitiva da Taça Jules Rimet, era o centro das atenções de todo o *Campo* do futebol nacional. O ambiente em torno desse evento era estável e tudo se caminhava bem, conforme citou Luiz Bayer na sua coluna *Câmera*⁴. O jornalista ainda teve uma reportagem publicada na sua coluna dias depois que citava falas de Paulo Machado de Carvalho jurando lealdade ao presidente que o elogiava publicamente⁵.

Entretanto, as notícias mostravam uma divergência de opiniões entre Havelange e Paulo Machado de Carvalho, onde o chefe da delegação queria que Aimoré Moreira fosse o treinador. O Marechal da Vitória era voto vencido dentro da Confederação que preferia Feola na comissão técnica⁶. Em uma movimentação sutil, a CBD decidiu por contratar os dois para dirigir o selecionado brasileiro, mas Vicente Feola seria o treinador e Aimoré Moreira seria apenas um auxiliar de observação em Londres⁷ e mesmo após a decisão final, Luiz Bayer escrevia que ainda havia divergências sobre essa decisão⁸.



Jornal dos Sports, 18 de janeiro de 1966, edição 11369, p. 5.

⁴ *Jornal dos Sports*, 1 e 2 de janeiro de 1966, edição 11354, p. 2.

⁵ *Jornal dos Sports*, 7 de janeiro de 1966, edição 11358, p. 2.

⁶ *Jornal dos Sports*, 12 de janeiro de 1966, edição 11363, p. 5.

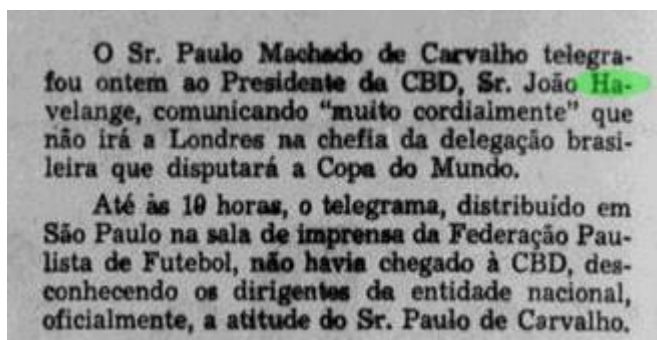
⁷ *Jornal dos Sports*, 13 de janeiro de 1966, edição 11364, p. 8.

⁸ *Jornal dos Sports*, 14 de janeiro de 1966, edição 11365, p. 2.

Essa divergência nos mostra mais um acontecimento que gera uma turbulência no *Campo* entre paulistas e cariocas, onde Paulo Machado se une ao presidente da FPF, Mendonça Falcão em busca de ter como treinador do selecionado o paulista e técnico do São Paulo, Aimoré Moreira, mas acaba sendo derrotado pelos cariocas que optam por Vicente Feola, que mesmo sendo paulista, era o representante preterido pelos cariocas.

Ainda no fim do mês, as notícias abordavam que a insatisfação do Marechal persistia e que ele não negava Vicente Feola, mas queria que Aimoré Moreira dividisse os serviços de treinador da seleção com ele. Ele comentava ainda que a função que estava sendo dada ao treinador do São Paulo não era a mesma que estava sendo descrita nos jornais⁹. O mês de fevereiro se iniciou com declarações de Paulo Machado sobre seu planejamento para a seleção e ameaçava, caso este não fosse aceito, deixar seu cargo¹⁰. Alguns dias depois houve uma reunião da CBD com a comissão técnica sem a presença de Paulo Machado de Carvalho e, segundo Luiz Bayer, foi a primeira demonstração oficial de insatisfação de João Havelange para com as declarações do Marechal¹¹.

Logo após essa reunião, é confirmada a Comissão Técnica com Vicente Feola de técnico e Paulo Amaral (técnico do Atlético-MG) de auxiliar, excluindo Aimoré Moreira de qualquer função na seleção, mas confirmando Paulo Machado de Carvalho como chefe da delegação¹². Nesse dia, o jornalista Nelson Rodrigues escreveu na sua coluna *Futebol e Gente* sobre o assunto, comentando a insubstituível importância do Marechal na seleção e que esse entrave sobre quem estaria na comissão técnica deveria ser deixado de lado por um bem maior¹³. Até que no dia 10 de fevereiro, o Marechal anunciou sua renúncia do cargo.



Jornal dos Sports, 10 de fevereiro de 1966, edição 11392, p. 2.

⁹ *Jornal dos Sports*, 27 de janeiro de 1966, edição 11378, p. 5.

¹⁰ *Jornal dos Sports*, 03 de fevereiro de 1966, edição 11385, p. 2.

¹¹ *Jornal dos Sports*, 06 de fevereiro de 1966, edição 11388, p. 2.

¹² *Jornal dos Sports*, 08 de fevereiro de 1966, edição 11390, p. 1.

¹³ *Jornal dos Sports*, 08 de fevereiro de 1966, edição 11390, p. 4.

Nesse dia, Mario Filho, um dos proprietários do *Jornal dos Sports* e que viria a falecer naquele ano, fez uma publicação de meia página falando sobre os malefícios da vaidade do Marechal. O argumento principal da sua crítica estava em apontar que essas divergências deveriam ser resolvidas internamente, sem exposição pública e não com atitudes radicais¹⁴. Dias depois desse artigo, ele fez outro, exaltando o poder que Havelange tinha e que sua força era o resultado de sua grande competência à frente da CBD, ressaltando novamente que ambos devem conversar e se resolver como amigos, pelo bem do selecionado¹⁵. Conforme relatado anteriormente, Havelange e Mário Filho eram próximos. Essa amizade dava ao presidente a proteção necessária da mídia e a este retribuía favores ao Mário Filho e ao JS com ações que davam *capitais* a eles.

Após isso, João Havelange apela para ele repensar a renúncia e faz uma crítica pública a ação de Paulo Machado de Carvalho dizendo que essa ação feria o amigo (João Havelange) e também atingia a torcida brasileira¹⁶. E no dia 13 de fevereiro, Nelson Rodrigues volta a escrever na sua coluna *Futebol e Gente*.

FUTEBOL E GENTE

NELSON RODRIGUES

A Inflexibilidade Flexível

1 — Amigos, na minha crônica de ontem, dizia eu que o Sr. João Havelange "não é uma paisagem lunar". E, com isso, eu queria dizer não é uma alma árida, pétrea, cadavérica. Tivesse ele cálculos na alma, e não nos rina, cálculos como a lua os tem, e não teria sido, como o foi, um operário devotado e formidável da maior construção do futebol brasileiro: o bicampeonato mundial.

2 — Duas atitudes do Presidente da CBD, provam que eu estou certo. Eis a verdade: há pássaros, há fontes e há árvores na paisagem interior do Sr. João Havelange. Portanto, jamais poderemos compará-lo às fotos desoladas que lá de cima nos mandou o Lunik 9. Mas vejamos: que atitudes foram essas?

3 — Ele assumiu a primeira quando declarou, ao meu companheiro Luis

Bayer, da maneira mais honrada e tachatativa, que "não abria mão do Sr. Paulo Machado de Carvalho". Por aí se vê, não só o seu realismo, como a sua doçura. Tivesse ele, por dentro, uma aridez lunar, e diria: "Que se dane!" Eis a outra atitude, que considero de altíssima sabedoria: a decisão de trabalhar para a vinda de Amarildo e Jair da Costa.

4 — Eu disse "altíssima sabedoria" e explico: sábio é aquele que não empaca. Sabe-se que, inicialmente, o Sr. João Havelange não se mostrava inclinado a recorrer aos dois jogadores. Mas a teimosia do homem inteligente e bem intencionado tem um limite preciso, além do qual ele não avança um milímetro. O Presidente há de ter escutado aqui e ali, há de ter conversado com a Comissão Técnica e, por fim, feito ele mesmo uma revisão do assunto.

5 — O resultado aí está: a CBD vai

fazer tudo que for possível para trazer os dois jogadores. E, por isso, justamente por isso, o Sr. João Havelange surge aos olhos de 80 milhões de brasileiros como um chefe, à altura do tricampeonato. O que caracteriza um líder autêntico é o que eu chamaria de "inflexibilidade flexível". E foi essa virtude rara que o Sr. João Havelange demonstrou no episódio do Sr. Paulo Machado de Carvalho e da chamada de Amarildo e de Jair da Costa.

6 — Claro que há muita gente querendo que o Presidente da CBD e o Chefe da Delegação rompam, definitivamente. Inclusive, vários colegas meus estão pondo mais lenha na fogueira. Mas que o Sr. João Havelange não perdeu a sua isenção, a sua objetividade, o seu patriotismo, prova-o as duas atitudes referidas. E vendo a sabedoria, com que agiu o nosso Presidente, eu senti que o Brasil já começou a ser tricampeão do mundo. Amém.

Jornal dos Sports, 13 de fevereiro de 1966, edição 11395, p. 4.

¹⁴ *Jornal dos Sports*, 10 de fevereiro de 1966, edição 11392, p. 4.

¹⁵ *Jornal dos Sports*, 12 de fevereiro de 1966, edição 11394, p. 4.

¹⁶ *Jornal dos Sports*, 11 de fevereiro de 1966, edição 11393, p. 6.

Conforme Nelson Rodrigues escreve, Havelange sempre foi alguém que impressionava com suas ações muito bem pensadas e calculadas. Paulo Machado de Carvalho havia deixado claro a importância que tinha para ele e para o cargo dele a presença de Aimoré Moreira como treinador da seleção, mesmo que fosse dividindo a função com Vicente Feola. Sendo assim, a decisão em não tê-lo na comissão técnica foi tomada com essa consequência posta.

O presidente há de ter escutado aqui e ali. Há de ter conversado com a comissão técnica e, por fim, feito ele mesmo uma revisão do assunto. (...) O que eu caracterizaria de um líder autêntico é o que eu chamaria de “inflexibilidade flexível”. E foi essa virtude rara que o Sr. João Havelange demonstrou no episódio do Sr. Paulo Machado de Carvalho (...).

A partir do momento que se toma essa decisão, ele coloca a presença de Paulo Machado de Carvalho como chefe da delegação em dúvida. Os *capitais* que Havelange acumulou com o bicampeonato mundial e os últimos oito anos de sua gestão, faziam os componentes do *Campo* confiar em suas decisões e apoiá-las (conforme reforçado na publicação de Zé de São Januário¹⁷ e no apoio de Mendonça Falcão, presidente da FPF¹⁸). Entretanto, a perda de *capitais* que o Marechal trazia consigo, gerou uma turbulência no *Campo*. Nesse momento, Havelange tomou uma de suas decisões mais controversas da sua carreira, escolhendo Feola sabendo que a ausência de Aimoré Moreira geraria esse atrito.

Enquanto isso, Paulo Machado de Carvalho era constantemente questionado por sua decisão e bradava que faria tudo que fosse preciso para a seleção ser tricampeã, mas que se quisessem o chamar de vaidoso, não haveria problema, por acreditar nos seus ideais e ser fiel a eles¹⁹. Essa declaração mostrava que ele havia sido bem claro com suas vontades e necessidades para o cargo. Escolher Aimoré Moreira como treinador do selecionado era uma das premissas dele para o cargo e ao ver isso refutado, não aceitou o cargo de chefe da delegação de 1966.

Em 1958, quando viu sua escolha para treinador do selecionado ser negada, ele não tomou a mesma atitude, todavia, naquele ano ele não tinha os mesmos *capitais* que tinha em 1966. Esse acúmulo de *capitais* gerado como chefe de delegação do bicampeonato, o deu mais poder de decisão no *Campo* e ver que, mesmo deixando claro suas ideias e possíveis consequências, não tinha poder de escolha sobre a comissão

¹⁷ *Jornal dos Sports*, 13 de fevereiro de 1966, edição 11395, p. 7.

¹⁸ *Jornal dos Sports*, 16 de fevereiro de 1966, edição 11399, p. 4.

¹⁹ *Jornal dos Sports*, 15 de fevereiro de 1966, edição 11397, p. 12.

técnica do selecionado, ele se retirou do cargo. Estava tudo muito bem estabelecido no *Campo* para Havelange. Era Aimoré e Paulo Machado ou Vicente Feola. Havelange e a CBD optaram por Feola e tiveram que lidar com as consequências de suas decisões.

Sem o Marechal da Vitória como delegado, a próxima escolha para o cargo era o então vice-presidente da CBD, Silvio Pacheco. Porém, este começou a ser acusado de ter sido uma das mentes pensantes em torno da intriga com o Paulo Machado de Carvalho por querer o cargo de delegado da seleção. Essa acusação o deixou irritado e, conseqüentemente, não aceitou o cargo de delegado da seleção²⁰. Até que no dia 1º de março de 1966, João Havelange entrega uma carta a Silvio Pacheco anunciando seu afastamento da entidade por estar desencantado pelo esporte e triste com as críticas que eram feitas a ele²¹. Com isso, podemos indagar sobre um possível arrependimento de Havelange sobre sua decisão, já que o *Campo* estava apoiando-o (por conta dos *capitais* que ele acumulou durante sua carreira) e essa justificativa sobre possíveis críticas não eram válidas. A saída do Marechal e o atrito com seu amigo era consequência de sua decisão com a comissão técnica. No dia seguinte, são publicadas falas de Havelange de que o afastamento duraria até Paulo Machado de Carvalho definir sua posição²² (que já havia sido definida). Acreditamos que essa ação foi feita como um recurso desesperado de repatriação do Marechal por parte do presidente da CBD.

Todavia, Havelange era reconhecido pela sua habilidade de acumular *capitais* no *Campo* com a mídia. Sendo assim, podemos discutir também sobre como Havelange se utilizou desse momento para reacumular *capitais políticos* e *simbólicos*. Com a sua dramatização pessoal sobre o acontecido, ele conseguiu gerar uma romantização pública em cima da sua imagem e dos seus feitos, e isso o auxiliou a passar por esse momento ovacionado pelos agentes do campo. Então, Paulo Machado de Carvalho escreveu para a CBD mantendo sua posição de não ser o chefe da delegação bicampeã²³. A CBD, por sua vez, anunciou o banqueiro mineiro José Luis de Magalhães Lins como chefe da delegação²⁴. Entretanto, José Lins rejeitou a proposta no dia seguinte alegando que não tinha competência suficiente para exercer tal cargo²⁵ e Havelange deu o prazo de 72 horas

²⁰ *Jornal dos Sports*, 16 de fevereiro de 1966, edição 11398, p. 2.

²¹ *Jornal dos Sports*, 1 de março de 1966, edição 11408, p. 1.

²² *Jornal dos Sports*, 2 de março de 1966, edição 11409, p. 1.

²³ *Jornal dos Sports*, 3 de março de 1966, edição 11410, p. 1.

²⁴ *Jornal dos Sports*, 4 de março de 1966, edição 11411, p. 1.

²⁵ *Jornal dos Sports*, 5 de março de 1966, edição 11412, p. 1.

para anunciar o novo chefe de delegação²⁶. Até que no dia 9 de março de 1966, João Havelange anuncia que ele ocupará o cargo de chefe da delegação na Copa de 1966²⁷.

No mesmo dia, Zé de São Januário escreveu na sua coluna, *Uma pedrinha na chuteira*, dando apoio incondicional ao João Havelange e suas decisões devido a argumentação do colunista de que tudo se devia as habilidades do presidente²⁸. Esse apoio passou para a nação, com os dias seguintes sendo lotados de notícias e festividades como demonstrações de apoio.

HAVELANGE TEM TODO APOIO DO BRASIL NA LUTA DO TRI

Jornal dos Sports, 12 de março de 1966, edição 11416, p.12.

Em sua coluna *Câmera*, o escritor Luiz Bayer, fez uma escrita direcionada a demonstração de apoio à Havelange e desmoralização de Paulo Machado de Carvalho e o presidente da FPF, Mendonça Falcão, que eram os principais adversários nas disputas de *capitais do Campo*²⁹. Os dias se seguiram com declarações de Paulo Machado dizendo que não estava tranquilo para lidar com a situação naquele momento, dando a entender que pode ter tomado decisões equivocadas e com declarações públicas paulistas de que iriam tentar colocar o Marechal de volta ao cargo³⁰.

Alguns dias depois, Paulo Machado assume que poderia voltar ao cargo pois, segundo ele, tudo era possível³¹. Já no dia seguinte, a CBD convocou uma reunião extraordinária vetando o retorno do Marechal³². Após isso, o *Campo* se estabilizou e todas as forças da mídia se uniram para fortalecer João Havelange com constantes elogios e lembranças do que ele já havia feito pela entidade. Entretanto, a criação de uma Seleção “B” com os paulistas irritou a FPF e seu presidente, Mendonça Falcão, o que gerou um atrito delicado entre a CBD e os paulistas³³.

²⁶ *Jornal dos Sports*, 5 de março de 1966, edição 11412, p. 3.

²⁷ *Jornal dos Sports*, 9 de março de 1966, edição 11416, p. 6.

²⁸ *Jornal dos Sports*, 9 de março de 1966, edição 11416, p. 10.

²⁹ *Jornal dos Sports*, 13 de março de 1966, edição 11420, p. 2.

³⁰ *Jornal dos Sports*, 18 de março de 1966, edição 11425, p. 1.

³¹ *Jornal dos Sports*, 21 de março de 1966, edição 11428, p. 5.

³² *Jornal dos Sports*, 22 de março de 1966, edição 11429, p. 3.

³³ *Jornal dos Sports*, 09 de junho de 1966, edição 11507, p. 2.

A Copa do Mundo de 1966 ficou marcada como um vexame para a história da CBD. A atual bicampeã do mundo caiu diante das seleções da Hungria e Portugal e foi eliminada ainda na fase de grupos. Após a eliminação, os jornalistas voltaram a defender João Havelange³⁴, culpando a violência dos adversários (gerando críticas a FIFA) pela eliminação e esquecendo de todos os problemas que a formação do selecionado gerou no *Campo* nos meses próximos a Copa.

A Copa de 1966 foi especialmente importante para o Brasil, por ter sido realizada pouco após o início da ditadura militar brasileira em 1964, e os militares estavam atentos as movimentações no *Campo* do futebol, pois eram acreditavam na linhagem sociológica de que o futebol era um membro do sistema capitalista e que suas nuances poderiam ajudar em um momento de manipulação ideológica por tirar a atenção da população de necessidades mais básicas, melhorando a imagem do governo militar (SOUZA, MARCHI JUNIOR, 2017a).

Segundo Rocha (2019), existem duas teorias sobre a derrota do Brasil de 1966: (1) o selecionado brasileiro (e os outros sul-americanos) não recebeu um tratamento justo e foi vítima de perseguições por parte de Rous (grande rival de Havelange para ocupar o cargo de presidente da FIFA) e da FIFA, que complicaram a sequência brasileira na competição desde a preparação até os jogos e as escolhas de árbitros; (2) o selecionado brasileiro foi mal preparado para a Copa e que a ida de João Havelange foi o resultado de um trabalho mal feito que equivocadamente tinha o presidente da CBD como chefe da delegação.

A primeira teoria foi logo negada pela mídia e pela população, por passar para o povo a sensação de vitimismo da delegação e que ela não passava de uma saída da responsabilidade que o selecionado e a entidade tinham com a conquista do título, todavia, essa teoria pode ser confirmada se pensarmos que a seleção brasileira, e outras seleções “exóticas” como as africanas e sul-americanas, ameaçavam *a doxa* de que os europeus comandavam o futebol e que podem ter havido ações *ortodoxas* por parte da FIFA. (FLORENZANO, 2008).

Porém, com a primeira teoria rechaçada pela população, a segunda teoria se tornou mais forte entre os torcedores e jornalistas. Isso gerou muitas acusações públicas aos atletas, a sua equipe técnica e organizacional e, então, fez João Havelange e a CBD perder *capital simbólico* no *Campo* do futebol nacional. Alguns personagens próximos ao

³⁴ *Jornal dos Sports*, 27 de julho de 1966, edição 11557, p. 10.

Havelange começaram a se afastar e até criticá-lo publicamente, como Paulo Machado de Carvalho, fazendo-o perder *capitais políticos*.

Em suas declarações após a Copa, Havelange citou a comissão técnica como principal culpado, devido a sua falta de visão e por não acreditar na evolução do futebol europeu³⁵. Com isso, vemos a comissão técnica escolhida e mantida pelo presidente (resultando na saída de Paulo Machado), ser eleita por ele mesmo como a principal culpada pela derrota. Isso nos mostra o quão forte era João Havelange no *Campo*, já que, mesmo culpando sua própria decisão controversa pela derrota, ele continuava com seus seguidores o defendendo fielmente.

Entretanto, a guerra com os paulistas estava posta no *Campo*, com Mendonça Falcão criticando publicamente o presidente da CBD e se recusando a comparecer nos encontros em que era convidado por não concordar com as decisões tomadas pela entidade³⁶. Por outro lado, Havelange esbanjava tranquilidade com a situação dizendo que estava confiante de que o seu prestígio com a entidade se manteria³⁷. Enquanto essa disputa acontecia, o restante do país fazia um manifesto pedindo a Havelange se reeleger. Com esse manifesto de argumento, ele anunciava sua candidatura³⁸.

No fim de outubro, Mendonça Falcão e João Havelange se encontraram e o presidente da FPF teceu muitos elogios ao Havelange dizendo que havia gostado do planejamento de mudanças da entidade e que nunca havia se pensado em outro nome para a direção da CBD³⁹. Esse anúncio de apoio dos paulistas ao presidente da CBD deixou os cariocas satisfeitos com a gestão, já que esse conflito regional sempre gerou muitos problemas internos na entidade e no *Campo*⁴⁰.

No começo de 1967, Havelange e Silvio Pacheco confirmam sua reeleição sem oposição na CBD e a FPF reafirma todo seu apoio a gestão com a justificativa de que os homens não se provam só em suas vitórias, mas principalmente em suas derrotas⁴¹. Esse momento do *Campo* nos mostra que Havelange havia acumulado muitos *capitais* com o bicampeonato mundial e que mesmo a perda de alguns com a derrota de 1966, ele ainda acumulava o suficiente para ser o maior nome do *Campo*.

³⁵ *Jornal dos Sports*, 24 de agosto de 1966, edição 11585, p. 5.

³⁶ *Jornal dos Sports*, 09 de setembro de 1966, edição 11601, p. 5.

³⁷ *Jornal dos Sports*, 10 de setembro de 1966, edição 11602, p. 2.

³⁸ *Jornal dos Sports*, 16 de setembro de 1966, edição 11608, p. 2.

³⁹ *Jornal dos Sports*, 22 de outubro de 1966, edição 11645, p. 2.

⁴⁰ *Jornal dos Sports*, 23 de outubro de 1966, edição 11646, p. 2.

⁴¹ *Folha de S. Paulo*, 11 de janeiro de 1967, edição 13723, Primeiro Caderno, p. 12.

Esse apoio da FPF é feito por uma necessidade do *Campo*. Os principais agentes de um subcampo são requisitados a se apoiar nas decisões maiores, já que caso esse apoio não aconteça, haverá uma ruptura em sua estrutura com um futuro imprevisível. Essa imprevisibilidade referente ao *Campo* depois de uma ação *heterodoxa*, faz com que seus agentes criem relações e realizem posicionamentos que o mantenham estável o suficiente para eles disputarem *capitais*.

Entretanto, se iniciaram movimentações para tirar o comando do Campeonato Roberto Gomes Pedrosa da CBD. Essa notícia se torna ainda mais surpreendente ao sabermos que essas movimentações partiam de dentro da Federação Carioca de Futebol (FCF) e que eles tentaram unir a FPF nessa ação, mas os paulistas (mesmo sendo responsáveis pelo plano de reformulação do calendário⁴²) se negaram a participar do boicote a entidade máxima do futebol brasileiro⁴³.

Mendonça Falcão, no entanto, criticava publicamente a CBD por colocar uma seleção carioca para representar o país na Taça Rio Branco. Segundo ele, o momento era de unir forças para iniciar o projeto de formação do selecionado para a Copa de 1970. Essa discussão apareceu quando João Havelange estava em viagem pela CBD e o presidente da FPF aproveitou para criticar Silvio Pacheco por se omitir nesse momento e ainda disse que se Havelange estivesse no país, esse caso já estaria resolvido⁴⁴.

Ao retornar ao Brasil, o presidente da CBD conversou com as federações e acatou os pedidos da FPF de enviar um selecionado nacional para a Copa Rio Branco, convencendo a FCF a abrir mão de enviar um selecionado carioca. Além disso, ele também concedeu poderes as entidades paulistas e cariocas no Campeonato Roberto Gomes Pedrosa para que os três regulamentassem juntos o campeonato⁴⁵.

Com a sua perda de *capitais*, Havelange viu a necessidade de recuperá-las para que pudesse tomar suas decisões com mais tranquilidade e não sofrer com um *Campo* cético e crítico. Para essa recuperação, ele dá mais força aos paulistas, trazendo-os ao seu lado e unindo os *capitais simbólicos* deles aos seus. No começo de julho de 1967, é anunciado o retorno do Marechal da Vitória a chefia da delegação da CBD.

⁴² *Folha de S. Paulo*, 08 de maio de 1967, edição 13840, Primeiro Caderno, p. 9.

⁴³ *Jornal dos Sports*, 11 de maio de 1967, edição 11839, p. 4.

⁴⁴ *Jornal dos Sports*, 21 de maio de 1967, edição 11849, p. 6.

⁴⁵ *Jornal dos Sports*, 7 de junho de 1967, edição 11866, p. 4.



Jornal dos Sports, 08 de julho de 1967, edição 11895, p. 4.

Dessa reportagem do *Jornal dos Sports*, destacamos a fala de Mendonça Falcão:

Ou você toma posse do cargo para ditar as normas do jogo ou não toma nunca mais (...) se o pessoal da CBD fizer muita exigência achando que deve continuar orientando o futebol brasileiro no campo internacional que fique com tudo. Façam logo o enterro completo. Mas não contem conosco para carregar esse caixão pesado.

Essa fala de Mendonça Falcão direcionada para Paulo Machado nos mostra um certo desconforto dos paulistas com o Heleno Nunes (diretor de futebol da CBD que viria a se tornar presidente da CBD em 1974). Esse embate não foi tornado público, mas reportagens mostram boatos de que o Almirante também não estava satisfeito com a concessão de poderes aos paulistas⁴⁶. Esse posicionamento dele provou-se verdadeiro alguns dias depois ao anunciar sua renúncia do cargo⁴⁷.

A saída forçada de Heleno Nunes nos mostra um momento de movimentação do *Campo*, com os *heterodoxos* paulistas conseguindo acumular *capitais* suficientes para substituir agentes *ortodoxos* em posições de destaque no *Campo*. Isso se afirma ainda mais quando observamos defesas a João Havelange pela atitude de repatriar Paulo Machado⁴⁸. Após o anúncio da renúncia, houve notícias de que a CBD iria conversar com

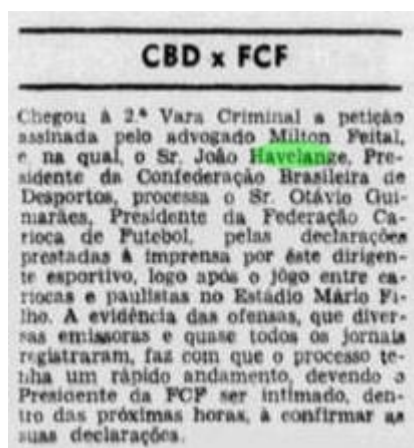
⁴⁶ *Jornal dos Sports*, 20 de julho de 1967, edição 11909, p. 6.

⁴⁷ *Jornal dos Sports*, 22 de julho de 1967, edição 11911, p. 6.

⁴⁸ *Jornal dos Sports*, 28 de julho de 1967, edição 11916, p. 32.

o Almirante e solucionar o problema convencendo-o a desistir da demissão, todavia não houve sucesso e a renúncia foi consolidada⁴⁹.

Esse momento do *Campo* em que a CBD consistentemente entregava poderes aos paulistas não agradava alguns cariocas. Essa frustração foi comprovada quando em um jogo da seleção paulista contra a seleção carioca, o presidente da FCF, Otávio Guimarães cobrou Havelange de uma dívida da CBD com o Botafogo e ouviu que isso seria resolvido mais tarde. Ao se revoltar com a situação, Otávio Guimarães agrediu verbalmente o presidente da CBD que o processou por injúria⁵⁰.



Jornal dos Sports, 29 de setembro de 1967, edição 11980, p. 14.

Podemos observar esse caso como um momento isolado de fúria, como foi alegado publicamente pelo presidente da FCF⁵¹, entretanto, momentos como esse revelam as diferenças de posicionamento dos agentes do campo. Com isso, vemos que o representante máximo do futebol carioca não estava satisfeito pelo modo como estava sendo gerido o *Campo*. Após muitos anos de total domínio e controle dos cariocas, os paulistas se apossaram de decisões e acumularam *capitais* que geravam atenção dos agentes. Ações de pessoas próximas a Havelange convenceram os cariocas a desistir do processo⁵², todavia essa situação nos mostra o tamanho do desentendimento entre a CBD e os cariocas nesse momento.

O colunista Luiz Bayer reportou em sua coluna “*Câmera*” que, o vice-presidente da CBD, Silvio Pacheco, não gostou de como a situação foi resolvida pelo João

⁴⁹ *Jornal dos Sports*, 18 de agosto de 1967, edição 11938, p. 6.

⁵⁰ *Jornal dos Sports*, 29 de setembro de 1967, edição 11980, p. 6.

⁵¹ *Jornal dos Sports*, 29 de setembro de 1967, edição 11980, p. 6.

⁵² *Jornal dos Sports*, 03 de outubro de 1967, edição 11984, p. 3.

Havelange e que havia estranhado a presença dos paulistas próximo a resolução do problema⁵³. O carioca Silvio Pacheco teve algumas denúncias feitas pelos paulistas por favorecer os cariocas em algumas situações durante sua passagem na CBD. Este aparentou ser um momento que o frustrou por ver os paulistas tendo mais voz e poder de decisão no *Campo*.

Todavia, João Havelange parecia ter seus *capitais* e seu poder intactos, já que todas as suas decisões foram defendidas pela mídia (principalmente o *Jornal dos Sports*, com qual parecia ter uma relação estreita), não importando se era a favor dos paulistas ou dos cariocas. No fim de novembro, a CBD escolheu o carioca Antônio Carlos de Almeida Braga como Diretor de Futebol para substituir o Almirante Heleno Nunes⁵⁴. Essa escolha foi vista como uma (correta) decisão política, dando a Antônio Braga a missão de ser o elo entre os cariocas e paulistas.

Então, o ano de 1968 começou com os *capitais* e o *poder* de João Havelange em baixa, por conta da derrota na Copa de 1966 e todos os problemas políticos envolvidos nela. Havelange ameaçado com a perda social no *Campo* do esporte brasileiro estava mais distante do sonho que ele tinha de se tornar presidente da FIFA. O estresse que isso causava mudou as reações do presidente da CBD, que era sempre calmo e educado. No começo de 1968, ele respondia algumas perguntas com extrema rispidez, mesmo sem necessidade, em espaços que estavam o elogiando. Por exemplo, após ser elogiado por suas capacidades financeiras com a alta valorização de um imóvel adquirido pela CBD, ele respondeu reclamando dos que criticaram sua aquisição na época e reafirmando que ele podia ter desistido por conta das críticas, porém sabia o que era correto a se fazer.⁵⁵

Além disso, logo no começo do ano Havelange se pronunciou sobre mudanças em Campeonatos nacionais, como um grande investimento no Campeonato Gomes Pedrosa de 1968⁵⁶. Silva (2016) fala sobre como forças militares buscaram utilizar o futebol nacional como uma ferramenta de identidade nacional e integração, então um dos seus objetivos era aumentar o Campeonato Nacional para que este alcançasse todo o país. Esse relato com esse estudo sugere que o Havelange estaria em contato com os militares nessa época em busca de retomar *capitais* no *Campo*.

⁵³ *Jornal dos Sports*, 04 de outubro de 1967, edição 11985, p. 6.

⁵⁴ *Jornal dos Sports*, 24 de novembro de 1967, edição 12035, p. 4.

⁵⁵ *Jornal dos Sports*, 10 de janeiro de 1968, edição 12077, p. 6.

⁵⁶ *Jornal dos Sports*, 10 de janeiro de 1968, edição 12077, p. 6.

Em São Paulo, o público comentava o descontentamento de Paulo Machado com a sua atuação na CBD⁵⁷, com falas de que ele estava sendo passado para trás e que Silvio Pacheco seria o chefe da delegação brasileira⁵⁸. Isso trouxe receio dos paulistas, pela chance de repetir o fracasso de 1966. Com esse momento de Havelange e da CBD, a entidade sabia que seria necessário retomar seus *capitais políticos* caso quisesse reconquistar o seu poder no *Campo* do futebol brasileiro. Sabiam também, da necessidade em ter Paulo Machado de Carvalho, o “Marechal da Vitória”, próximo deles, já que muitos culpavam a CBD por tê-lo deixado ir às vésperas da Copa de 1966. O Marechal representava a aquisição de *capitais simbólicos* para a CBD, já que sua imagem próxima ao selecionado brasileiro trazia esperança para a mídia e população.

No mesmo dia que os paulistas reclamavam de que possivelmente Paulo Machado estaria perdendo poderes na CBD, o *Jornal dos Sports* faz uma reportagem noticiando que João Havelange, que viajaria para a Europa no dia seguinte, teria saído irritado de uma reunião do Campeonato Nacional, pois o presidente da Federação Paulista de Futebol, Mendonça Falcão, havia faltado a ela sem aviso prévio e que isto atrasava toda a formulação do regulamento⁵⁹.

Isso nos mostra que há uma revolta dos paulistas por conta da posição de Paulo Machado na CBD e há movimentações da FPF no sentido de conquistar mais *capitais*. Essa revolta foi discutida na coluna *Câmera* de Luiz Bayer e fortemente criticada em outra reportagem no dia seguinte, ambas no *Jornal dos Sports*^{60,61}. Com esses acontecimentos em pauta e considerando que o *paradoxo da doxa* impedia os paulistas de conquistarem espaço dentro do *Campo*. Isso gerava uma regionalização dentro da entidade, onde os paulistas estavam tendo ações *heterodoxas* no *Campo*, buscando assim mais *capitais políticos e simbólicos*.

Dias depois, o colunista Luiz Bayer volta a escrever na *Câmera*⁶² (e uma reportagem na *Folha de S. Paulo* confirma⁶³), dizendo que a revolta de Paulo Machado vinha por conta de um descontentamento nas escolhas de Silvio Pacheco, vice presidente da CBD na época, para delegar a seleção em uma excursão na Europa e de Antônio Carlos de Almeida Braga para ser o Diretor de Futebol da CBD. Ambos os citados nesse dia por

⁵⁷ *Folha de S. Paulo*; 3 de fevereiro de 1968, edição 14111, Caderno Ilustrada, p. 8.

⁵⁸ *Folha de S. Paulo*, 28 de janeiro de 1968, edição 14105, Primeiro Caderno, p. 13.

⁵⁹ *Jornal dos Sports*, 28 de janeiro de 1968, edição 12095, p. 4.

⁶⁰ *Jornal dos Sports*, 30 de janeiro de 1968, edição 12097, p. 6.

⁶¹ *Jornal dos Sports*, 31 de janeiro de 1968, edição 12098, p. 4.

⁶² *Jornal dos Sports*, 02 de fevereiro de 1968, edição 12100, p. 6.

⁶³ *Folha de S. Paulo*, 03 de fevereiro de 1968, edição 14111, Caderno Ilustrada, p. 8.

serem o motivo da revolta dos paulistas, tiveram diversas acusações de favorecimento carioca nas suas ações na entidade. Isso nos mostra mais uma vez a luta social que está sendo realizada pelos paulistas nesse tempo em busca de mais *capitais* no *Campo*.

Enquanto isso era debatido no Brasil, João Havelange estava na Europa lutando contra mais um ataque no *Campo* do futebol mundial, onde a FIFA conseguia reduzir mais uma vaga do continente Sul-Americano, sendo assim, se eram cinco vagas para 1962 passaram a ser quatro vagas em 1966 e, então, para a Copa de 1970 haveria apenas três vagas.⁶⁴ Com isso, esse debate se esfriou por alguns dias até que Mendonça Falcão, presidente da FPF, concedeu uma entrevista ao *Jornal dos Sports*⁶⁵ fazendo demandas ao *Campo*. Ele pedia que tratassem com mais afinco os problemas relacionados a Libertadores e ao tratamento dos jogadores brasileiros no exterior. Após os jogadores do Palmeiras serem agredidos no Uruguai após vitória contra o Peñarol, o presidente João Havelange marcou uma reunião com o presidente da Confederação Sul-Americana de Futebol, para conversar sobre essa situação citada pelos paulistas⁶⁶.

Coletando muitos *capitais* com diversas ações, individuais e coletivas, que agissem *heterodoxamente* ao *Campo*, os paulistas mostraram seu podernele, conseguindo mover a atenção de todos para qual problema devem focar, considerando suas vontades individuais. Nesse momento do *Campo*, há pouca movimentação da imprensa quanto aos conflitos internos da CBD, corroborando com os autores que citamos sobre a ditadura militar e imprensa esportiva nessa época (SIGOLI e JUNIOR, 2008; RIBEIRO e ALMEIDA, 2014; MOSTARO e BRINATI, 2016; SILVA, 2016; DIAS, 2019), de que havia uma pressão da ditadura militar na mídia e que nesse momento delicado, pode ter acontecido um silenciamento desta por forças externas.

Nesse período, também há o relato⁶⁷ do retorno de João Havelange da Europa, onde manifestantes bradavam em prol dos esportes amadores pelo fato de não terem a devida atenção da CBD. Isso nos mostra como as ações *heterodoxas* dos paulistas pode ter motivado outros grupos marginalizados dentro do *Campo* do esporte brasileiro a lutar por direitos. Sabemos também que, conforme citado anteriormente, Havelange entrou na CBD com propostas de valorização dos outros esportes e realizou muitas ações nesse sentido, porém nesse momento da carreira tinha diferentes objetivos se comparado aquela

⁶⁴ *Jornal dos Sports*, 04 de fevereiro de 1968, edição 12102, p. 2.

⁶⁵ *Jornal dos Sports*, 23 de fevereiro de 1968, edição 12121, p. 10.

⁶⁶ *Jornal dos Sports*, 24 de abril de 1968, edição 12178, p. 2.

⁶⁷ *Jornal dos Sports*, 03 de março de 1968, edição 12126, p. 4.

época e tomou rumos com suas ações que marginalizaram ainda mais os outros esportes do *Campo*.

Além dessa ação paulista, eles também tinham como objetivo que a CBD tivesse Paulo Machado com uma função digna de seu tamanho. Com isso, no dia 23 de março de 1968⁶⁸, Havelange e a entidade conseguiram a repatriação de Paulo Machado de Carvalho⁶⁹ como presidente da comissão técnica do selecionado. O cargo representava que ele teria total autonomia nas decisões referentes a equipe. Com a chegada do Paulo Carvalho, a relação entre a CBD e os paulistas, que estava estremeçada desde a derrota brasileira na Copa de 1966, foi imediatamente restaurada. Com essas movimentações em março de 1968, Havelange encaminhava a blindagem de seu poder à frente da CBD. O Marechal, sabendo de sua importância na estrutura, tinha ciência que podia fazer vários pedidos. Neste jogo de poder não teria como o presidente da CBD negar os pedidos do Marechal da Vitória, pela necessidade de mantê-lo próximo.

Entretanto, durante a formulação do Campeonato Roberto Gomes de Pedrosa, o “Robertão”, os clubes paulistas pediam a inclusão do Náutico e do Bahia, enquanto os cariocas eram contrários. Sob essas condições, não houve acordo e o campeonato continuou sem incluir os clubes nordestinos⁷⁰, gerando um novo conflito com os paulistas e indicando a criação de um novo torneio, o “Robertinho”, com Náutico, Bahia, América-MG, um paulista e um carioca, porém desta vez, os paulistas foram contra⁷¹.

Essa discussão exemplificava a situação do *Campo*. Os paulistas com suas ações *heterodoxas*, se uniam a outros grupos que também sofriam com a *doxa* imposta e os cariocas *ortodoxamente* buscavam manter seu poder impedindo a inclusão de times de outros estados e, ainda pedia a inclusão de um sexto clube carioca no campeonato. O debate em torno desse campeonato iniciou muitas brigas políticas no *Campo* do futebol brasileiro. Um de seus resultados produziu perdas de *capitais* para a Federação Carioca de Futebol (FCF) e o futebol carioca em si, já que era uma pressão de todo o país para a inclusão do Bahia e do Náutico e somente os cariocas eram a favor do América-RJ.

Pressionado por muitos agentes do *Campo* para trabalhar em prol do futebol nacional e não por um Estado, João Havelange declarou que havia todo interesse da CBD na inclusão de mais clubes no campeonato, mas que, de acordo com o estatuto, as decisões

⁶⁸ *Jornal dos Sports*, 23 de março de 1968, edição 12146, p. 2.

⁶⁹ *Folha de S. Paulo*, 27 de março de 1968, edição 14164, Segundo Caderno, p. 23.

⁷⁰ *Jornal dos Sports*, 11 de maio de 1968, edição 12195, p. 5.

⁷¹ *Jornal dos Sports*, 16 de maio de 1968, edição 12200, p. 2.

tinham que ser unânimes e o voto da federação carioca vetava as inclusões⁷². Porém, prometia a participação de Náutico e Bahia no campeonato⁷³ e era criticado no Rio de Janeiro por esse posicionamento⁷⁴. Não podemos esquecer que o apoio das federações nordestinas foi um dos grandes motivos de Havelange ter sido eleito presidente da CBD em 1958 e que podemos considerar a falta de cuidado com essas regiões, uma de suas ideias iniciais de governo que foi sendo deixada de lado conforme seus interesses foram se alterando.

A volta de Paulo Machado de Carvalho foi importante para os *capitais políticos e simbólicos* da CBD. Ele, que estava na FPF antes desse aceite, e depois das intrigas por conta da Copa de 1966, Havelange teve que ceder muitos de seus poderes sobre a seleção brasileira para que esse retorno fosse possível. Com isso, podemos dizer que essa parcialidade nas decisões pode ser advinda dessa situação, que deixou João Havelange de mãos atadas em muitos momentos do futebol brasileiro. Essa repentina mudança fez com a CBD tomasse as decisões dando pouca atenção aos cariocas e isso os assustava. Então, eles devolviam críticas e ameaças ao trabalho de João Havelange⁷⁵, principalmente por críticas direcionadas ao selecionado brasileiro e a opção pelo técnico Aimoré Moreira⁷⁶
77.

Após esses conflitos, se manteve um ambiente conturbado no *Campo* do futebol nacional, com os paulistas buscando conseguir mais pedidos atendidos, e o Antônio Carlos de Almeida Braga, renunciou da posição de Diretor de Futebol da CBD⁷⁸, sugerindo que havia uma intervenção paulista nessa posição. A perda de *capitais* de Havelange por conta da Copa de 1966, resultou em uma perda de poder do presidente que teve que ceder espaços a outros personagens do *Campo*, principalmente aos militares (ROCHA, 2019a). No fim de outubro, descontente com as atuações do selecionado brasileiro e buscando poder dentro da seleção de jogadores e comissão técnica da CBD, após ameaças de renúncias do cargo⁷⁹ Paulo Machado encabeçou a criação do COSENA⁸⁰ (Comissão Seleccionadora Nacional).

⁷² *Jornal dos Sports*, 17 de maio de 1968, edição 12201, p. 3.

⁷³ *Folha de S. Paulo*, 18 de maio de 1968, edição 14216, p. 8, Caderno Ilustrada.

⁷⁴ *Jornal dos Sports*, 18 de maio de 1968, edição 12202, p. 1 e o p. 3.

⁷⁵ *Jornal dos Sports*, 04 de setembro de 1968, edição 12312, p.4.

⁷⁶ *Jornal dos Sports*, 25 de junho de 1968, edição 12241, p. 6.

⁷⁷ *Jornal dos Sports*, 27 de junho de 1968, edição 12243, p. 4.

⁷⁸ *Jornal dos Sports*, dia 25 de julho de 1968, edição 12271, p. 5.

⁷⁹ *Jornal dos Sports*, dia 22 de outubro de 1968, edição 12360, p. 5.

⁸⁰ *Jornal dos Sports*, dia 23 de outubro de 1968, edição 12361, p. 4.

A COSENA se tornou responsável por convocar os jogadores e eleger comissão técnica. Ela foi responsável por dar mais poder aos militares no *Campo*, por inclui-los nessa comissão com poder de decisão no plantel inteiro do selecionado brasileiro e comissão técnica. No entanto, logo no primeiro jogo após essa criação, a seleção brasileira foi derrotada pelo México no Maracanã. Esse resultado afastou Aimoré Moreira do planejamento da CBD para a seleção e no último amistoso do ano, ele já não era mais o treinador da equipe (SARMENTO, 2006).

3. DESMANCHE DA COSENA E MANUTENÇÃO DA ERA HAVELANGE NO PODER

A pressão em cima do título brasileiro tomava conta dos trabalhos da CBD, com o presidente da República Costa e Silva fazendo uma reunião com Havelange e Paulo Machado, tendo como pauta que o Brasil não podia perder a Copa de 1970⁸¹. Além disso, a seleção não agradava e boatos com a substituição da atual comissão pelo atual técnico do Botafogo, Zagallo, começaram a ser feitos⁸². Com toda essa pressão, Havelange anunciava que a CBD deveria fazer mudanças na preparação do selecionado brasileiro, já que o desempenho do selecionado não o agradava, especialmente, quando comparado com as últimas três Copas disputadas⁸³.

Os *capitais* perdidos na Copa de 1966 ainda pesavam na credibilidade do trabalho da CBD e de João Havelange. Como uma pessoa que entendia o funcionamento do *Campo* e do *habitus* no qual ele estava inserido, Havelange sabia da importância de angariar *capitais simbólicos* que trouxessem novamente a confiança no seu trabalho. Isso fez com que Havelange tomasse decisões que não estavam em seus planos, como se (re)aproximar de alguns personagens importantes do *Campo*, como Paulo Machado e Mendonça Falcão (então presidente da FPF), e sofresse ações que o fizessem ter menos poder dentro da CBD, como a criação da COSENA.

Após a aparição decepcionante do selecionado na Copa do Mundo de 1966, atletas, comissão técnica e dirigentes começaram a ser investigado pelo Sistema Nacional de Informações (SNI), para saber os motivos da derrota. Com isso, Havelange, sem *poder* suficiente para realizar ações e criticado pela mídia, criou a Comissão Seleccionadora Nacional (COSENA). Essa comissão possuía dirigentes com poderes militares e políticos e tinha a função de escolher atletas e comissão técnica, dando mais poder a esses agentes no *Campo* do futebol nacional (MAGALHÃES, 2016). A pressão imposta por essa comissão atrapalhou o entrosamento da seleção e o início foi repleto de resultados ruins (SARMENTO, 2006).

A COSENA estava causando tumulto dentro do *Campo* do futebol brasileiro, já que após a sua formação, a comissão não havia elevado o nível de futebol esperado pelos espectadores, e como a pressão estava grande dentro da preparação para a Copa, sua estabilização se tornava cada vez mais insustentável. O Marechal da Vitória sabendo de

⁸¹ *Folha de S. Paulo*, 04 de dezembro de 1968, edição 14416, Primeiro Caderno, p. 15.

⁸² *Jornal dos Sports*, 04 de janeiro de 1969, edição 12432, p. 4.

⁸³ *Folha de S. Paulo*, 07 de janeiro de 1969, edição 14450, Primeiro Caderno, p. 22.

que seu nome estava diretamente vinculado ao sucesso da comissão e que a queda desta poderia representar perda de *capitais* importantes no *Campo*, tomou a decisão de colocar seus poderes à prova e anunciou sua demissão da COSENA⁸⁴. Entretanto, muitos consideraram esse anúncio somente uma evidência de que o Marechal da Vitória era indispensável para a CBD, já que Havelange não o deixaria ir⁸⁵.

Essa decisão de Paulo Machado expôs para o mundo a disputa interna que ele estava envolvido. A ala carioca da CBD que, segundo o Marechal, era composta por personagens como Elói Meneses, presidente da Confederação Nacional de Desportos (CND), Silvio Pacheco e Carlos Osório⁸⁶, estavam gerando disputas bairristas na seleção e atrapalhando o andamento dela⁸⁷.

Após esse anúncio, João Havelange e Antonio do Passo, diretor de futebol da CBD, foram a São Paulo ter uma reunião com Paulo Machado. Essa reunião culminou no fim da COSENA e gerou uma perda de *capitais políticos* e *simbólicos* para Paulo Machado tendo como resultado a redução de seus poderes na escolha do selecionado. Essa decisão fez com que todos os membros da comissão técnica que haviam sido escolhidos pela COSENA fossem liberados e, entre eles, estava o técnico Aimoré Moreira⁸⁸.

O fracasso da COSENA e a perda de *capitais simbólicos* de Paulo Machado fez com que Havelange despontasse novamente como o maior nome do *Campo* do futebol brasileiro. Por mais que Havelange estivesse ao lado de Antônio do Passo e o Marechal, ficava claro que ele era responsável pelas decisões tomadas e muitos confiavam nele para a resolução do problema que estava posto na entidade. Porém, a situação política do futebol brasileiro estava muito dividida entre cariocas e paulistas.

Com o anúncio do desmanche da COSENA e a saída de Paulo Machado da chefia da seleção brasileira, a situação entre paulistas e cariocas ficou pior do que estava antes do retorno do Marechal a CBD. Isso se comprovou quando o São Paulo fez um amistoso com a seleção húngara e nenhum membro da alta escala da CBD compareceu. Após isso, o secretário da FPF, Américo Pereira deu uma declaração dizendo que não era um bom momento para eles aparecerem em São Paulo⁸⁹.

⁸⁴ *Folha de S. Paulo*, 11 de janeiro de 1969, edição 14454, Primeiro Caderno, p. 20.

⁸⁵ *Jornal dos Sports*, 12 de janeiro de 1969, edição 12440, p. 4.

⁸⁶ Carlos Osório era o diretor jurídico da CBD na época.

⁸⁷ *Jornal dos Sports*, 12 de janeiro de 1969, edição 12440, p. 5.

⁸⁸ *Jornal dos Sports*, 14 de janeiro de 1969, edição 12442, p. 2.

⁸⁹ *Folha de S. Paulo*, 26 de janeiro de 1969, edição 14469, Primeiro Caderno, p. 11.

Durante esse embate entre paulistas e cariocas por *capitais*, a mídia era fundamental. Os jornais e notícias nesse momento eram uma espécie de debates onde os paulistas (*heterodoxos*) apresentavam seus descontentamentos e frustrações e os cariocas (*ortodoxos*) se defendiam publicamente explicando as razões de suas ações. Essas ações geravam uma movimentação em massa nos agentes do *Campo*, pois a população, ao ver as notícias, escolhiam lados e participavam do embate. Entretanto, ambos os lados tinham um grande conhecimento sobre como usar essa “ferramenta” e isso fazia com que ambos lutassem publicamente sobre a manipulação da opinião dos agentes do *Campo*.

No dia 6 de fevereiro de 1969, a CBD anunciava João Saldanha como treinador da seleção brasileira. A decisão piorou a situação da CBD no *Campo*, pois os paulistas foram instantaneamente contra a escolha (com aparições públicas de pessoas importantes no *Campo*, como Paulo Machado⁹⁰). Os cariocas estavam contentes com a escolha⁹¹, enquanto os paulistas ficaram enfurecidos e negaram o pedido de empréstimo que a CBD havia feito a eles.

Saldanha era um jornalista publicamente crítico das decisões de Paulo Machado⁹² e não estava sendo cotado como treinador na seleção. Uma das especulações da motivação da sua contratação é a de que, por ele ser um jornalista reconhecidamente crítico da CBD, trazê-lo pra perto iria calar a mídia e diminuir as críticas (RIBEIRO e ALMEIDA, 2014). Ribeiro e Almeida (2014) explicam que nessa época o futebol brasileiro tinha muitas forças externas no *Campo*, principalmente dos militares, que tentavam acumular *capitais* a partir das conquistas do selecionado brasileiro e que a mídia foi uma ferramenta muito utilizada para essa aquisição. Sendo assim, essa escolha pode ser um dos exemplos disso, mesmo Saldanha sendo um reconhecido opositor da ditadura. Porém, mesmo com esses fatores, essa foi uma das decisões mais polêmicas da carreira de Havelange na CBD.

No dia 8 de fevereiro, Luiz Bayer, da coluna *Câmera do Jornal dos Sports*, fez uma reportagem sobre o quão furiosos estavam os paulistas e suas ações, com uma charge sobre a situação.

⁹⁰ *Jornal dos Sports*, 06 de fevereiro de 1969, edição 12464, p. 10.

⁹¹ *Jornal dos Sports*, 06 de fevereiro de 1969, edição 12464, p. 14.

⁹² *Jornal dos Sports*, 09 de fevereiro de 1969, edição 12468, p. 6.

Câmera

Paulistas pressionam Havelange

Luiz Bayer

A pressão de São Paulo é violenta. Exigem do Sr. João Havelange a demissão do Sr. Antônio do Passo, a quem acusam de tentar desprestigiar o futebol bandeirante. Houve alguns contatos importantes no dia de ontem, mas o Presidente da CBD manteve toda a sua confiança no Diretor de Futebol e no trabalho apresentado para a Copa do Mundo. Enquanto isso, o Sr. Antônio do Passo, inteirado dos acontecimentos, disse que não respondia a provocações.

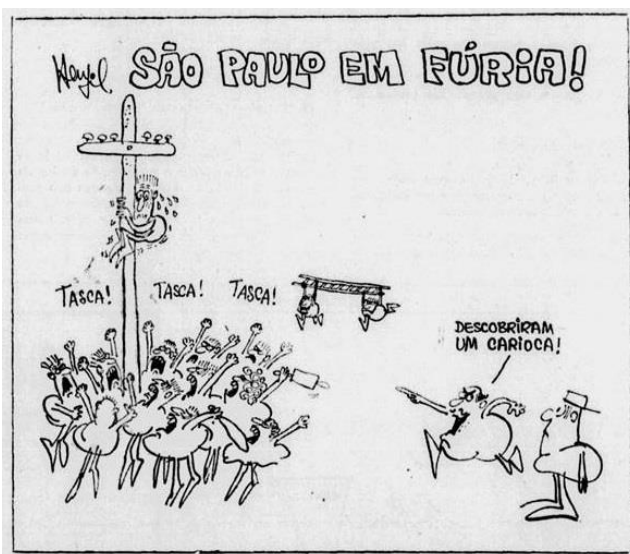
— Fiz um plano objetivo para a seleção brasileira e cumpri assim o meu dever. Se amanhã tiver que renunciar para manter toda essa organização, não terei dúvidas em dar mais uma cota de sacrifício. Considero a indicação de João Saldanha para técnico da seleção como a própria salvação do futebol brasileiro. Ele é um homem experimentado em futebol e reúne a qualidade principal, que é a de não ter ligações com clubes, dirigentes e entidades. Só ele poderá evitar as confabulações e os arranjos que sempre existiram por ocasião da convocação dos jogadores. Com Saldanha jogará o melhor e não aquele que pertence ao clube mais poderoso. A mim, não impressionam os gritos e as críticas. Fiz aqui

lo que é mais útil para o Brasil e não para meia dúzia de cartolas, que sempre se julgaram donos de todos os esportes. Esta reação parte exatamente daqueles que monopolizavam o futebol e estufavam o peito. Agora eles terão que ver as coisas de longe, para sentir como se deve formar uma equipe e como se deve zelar pelo nome esportivo do Brasil — disse Passo.

Iustrich na bôca

— Sempre achei que o escrete brasileiro precisava de um líder. Os outros que passaram fracassaram porque se deixaram levar pelos cartolas, com medo de perder o emprego. A salvação seria o Saldanha, que conheço e admiro pela sua coragem e personalidade. Se Saldanha não tivesse aceitado o convite, Iustrich seria convidado. Considero-o também um profissional de valor, íntegro, que não se deixa dominar.

— No dia da reunião na CBD para a discussão do plano, coloquei o meu cargo à disposição do Presidente João Havelange. Hoje continuo pensando da mesma maneira. Ele pode dispor do lugar à hora que bem entender. Só exijo uma coisa: deixem o Saldanha tra-



Jornal dos Sports, 08 de fevereiro de 1969, edição 12467, p. 4.

Enquanto isso, no mesmo dia a *Folha de S. Paulo* fazia uma reportagem com falas do presidente em exercício, José Ermírio de Moraes Filho, dizendo que o futebol paulista estava em busca da pacificação do *Campo* e que queria o melhor para o futebol do país.

O futebol paulista quer a pacificação

O futebol paulista vai dedicar-se à pacificação, como disse ontem o presidente em exercício da FPF, José Ernânio de Moraes Filho, utilizando costumeira tática de Mendonça Falcão, licenciado até o dia 7 de março.

O vice-presidente da FPF comprometeu-se a conceder entrevista aos jornalistas do setor (FPF) e, sobretudo, teve saídas diplomáticas, dos assuntos que envolveram a seleção e a relação da CBD com o futebol paulista. Inclusive, admitiu que poderá aceitar a missão de delegado do selecionado que competirá nas eliminatórias e no Mundial de 1970, no México. Para isso, foi convidado há 15 dias pelo presidente **Havelange** da CBD, mas somente anteontem é que recebeu carta, formalizando o convite.

Este é o resumo de sua palestra com os jornalistas:

"Farei tudo para pacificar o futebol brasileiro; anteontem falei com o presidente **Havelange**; irei ao Rio, antes ou depois do Carnaval, para tentar a reunificação; e é possível que os srs. **Havelange** e Passo venham a São Paulo, para dialogar".

"Fui convidado pelo sr. **Havelange** para ser o delegado da comitiva e vou estudar o assunto, pois sou amigo dele e do sr. Paulo Machado de Carvalho; só darei satisfações à minha família e a meus negócios, há um mal-entendido que se deve corrigir: primeiro, ouvirei, e depois, se possível, darei minhas sugestões".

"Se o sr. Antonio do Passo tiver humildade e bom-senso, dará satisfações ao sr. Paulo Machado de Carvalho, nesse episódio da elaboração do novo plano do selecionado".

"O sr. Antonio do Passo tem qualidades, mas "puxou um pouco para o futebol de sua terra"; ele é um bom político, mas deve, certamente, algumas explicações de suas atitudes".

"E" assunto encerrado, o sr. Paulo Machado de Carvalho não voltará mais a seleção".

"Não se cogitou de boicotar a seleção com a recusa de se entregar a ela os jogadores paulistas convocados; tal boicote seria indigno e impatriótico".

"O sr. Paulo Machado de Carvalho talvez tenha exagerado ao qualificar de barfanha um pedido de empréstimo de 30 mil cruzeiros novos, por 2 cargos de paulistas na seleção. Ou então, ele foi mal interpretado. A FPF faria o empréstimo à CBD, mas ela possuía, em caixa, apenas 60 mil cruzeiros novos; tal empréstimo, portanto, deveria ser estudado e feito parceladamente".

Folha de S. Paulo, 08 de fevereiro de 1969, edição 14482, Primeiro Caderno, p. 20.

Essas reportagens representam bem a situação do *Campo*. Os cariocas, que sempre foram os maiores detentores de *capitais*, passaram por momentos de tensão quando os paulistas começaram a mudar a situação vigente. Com o anúncio do fim da COSENA e a saída do Marechal da Vitória, os cariocas puderam se alegrar com a manutenção do poder. Já os paulistas, que se viram com um grande acúmulo de *capitais* nos últimos anos, se revoltaram com a repentina perda de *capitais políticos*. A CBD havia colocado como treinador do selecionado brasileiro um profissional que representava o contrário do que o Paulo Machado (principal personagem paulista no *Campo*) pensava.

No dia seguinte, Havelange fez um anúncio aos paulistas, agradecendo as críticas e dizendo que estava buscando o melhor para a seleção. Além disso, anunciou as adições do presidente da FPF, Mendonça Falcão, que atuaria como delegado do selecionado e de Solange Bipas, que havia sido convidada a ser a jornalista da delegação⁹³. A ação de trazer a FPF para próximo foi bem sucedida, já que a FPF imediatamente anunciou que estava

⁹³ Folha de S. Paulo, 09 de fevereiro de 1969, edição 14483, Primeiro Caderno, p. 24.

com a CBD e era contra as falas de Paulo Machado⁹⁴. O presidente Mendonça Falcão veio ao Rio, após ser afastado da entidade por problemas pessoais, a convite de Havelange⁹⁵ e a *Folha de S. Paulo* parou de publicar quaisquer notícias que questionassem a CBD. Curiosamente, nesse período em que não havia comentários avaliativos para a CBD nos jornais, o *Jornal dos Sports* colocou, em dois momentos, falas vindas de espectadores que criticavam a escolha de Saldanha como treinador^{96 97}. Essa ação nos levou a pensar que o *JS* encontrou essa maneira para expressar a contradição da escolha.

Esse momento foi uma amostra do poder de João Havelange. Ele havia acumulado tantos *capitais*, que conseguiu acabar com toda essa revolta com apenas duas adições na equipe e uma fala direcionada. A pausa imediata de avaliações sobre a CBD em ambos os jornais e as falas dos espectadores, nos levam a pensar que ele tinha poder sobre a mídia, que os impedia de criticá-lo. Esse momento nos mostra que, conforme dito anteriormente, os militares tinham muito controle sobre a mídia e que João Havelange poderia ter uma relação com as pessoas que geriam essa censura.

Em mais uma prova da força de João Havelange no *Campo* nesse momento, foi quando, em uma partida contra o Peru no dia 9 de abril de 1969, o atleta Gerson agrediu La Torre e o jogo foi ao intervalo com uma briga generalizada. Ao saber que os peruanos estavam com medo de voltar a campo, Havelange foi ao vestiário deles informar que nada aconteceria, retornou ao vestiário brasileiro, pediu a eles que obedecessem a regra à risca, pois havia informado o árbitro para ser o mais rígido possível e fez com que ambas retornassem ao campo abraçadas⁹⁸.

⁹⁴ *Jornal dos Sports*, 10 de fevereiro de 1969, edição 12469, p. 10.

⁹⁵ *Folha de S. Paulo*, 09 de março de 1969, edição 14511, Primeiro Caderno, p. 32.

⁹⁶ *Jornal dos Sports*, 26 de fevereiro de 1969, edição 12482, p. 4.

⁹⁷ *Jornal dos Sports*, 07 de março de 1969, edição 12491, p. 4.

HAVELANGE NA PAZ GARANTE O FIM

Foi o Presidente João Havelange quem contornou toda a situação. Dirigiu-se ao vestiário dos peruanos e, ao ver Didi, logo lhe pediu desculpas sobre o que acontecera em campo. Didi, aceitou as escusas do Presidente da CBD, mas muito magoado, disse-lhe:

— Isto tudo foi uma vergonha. Como representante do futebol brasileiro no Peru, como bicampeão mundial, francamente não sei como vou dirigir-me aos jogadores.

Havelange entrou no vestiário em companhia de Didi e procurou conversar com os jogadores que, no momento, apenas se preocupavam com o estado de la Torre, que era atendido pelo médico. Visivelmente preocupado — os jogadores já estavam de roupa mudada —, o Sr. João Havelange lhes pediu que voltassem a campo.

Lembrou que o Peru foi uma das terras que primeiro visitou e que o considera como sua segunda pátria. Disse mais que quem ~~falava ali não era o Presidente da CBD,~~

mas sim "um amigo do Peru", país onde seu pai durante 12 anos foi professor na Faculdade de San Marcos.

Os jogadores escutavam calados e Didi acabou por informar ao dirigentes que seus jogadores estavam temerosos do que lhes pudesse acontecer caso voltassem a campo. Foi quando João Havelange garantiu aos peruanos que nada lhes iria acontecer, que ele empenhava sua palavra de que dali para a frente não haveria mais agressões.

Com os peruanos já decididos a voltar a campo, Havelange foi ao vestiário dos brasileiros e lhes pediu que obedecessem cegamente todas as determinações do juiz Tejada, porque pediu ao juiz que expulsasse todo jogador que não se comportasse bem.

Finalmente, pediu que os jogadores entrassem em campo pelo túnel central, abraçados, o que foi feito. Como última garantia, João Havelange informou que iria ver o resto do jogo na boca do túnel central — e que fez.

Jornal dos Sports, 10 de abril de 1969, edição 12525, p. 3.

Em uma entrevista à *Folha de S. Paulo*, quando perguntado sobre a perda de poderes do futebol paulista, o presidente da FPF, Mendonça Falcão, disse que estava tudo em ordem e que as coisas iam acontecer, mas aquele não era o momento de atuar decisivamente⁹⁹. Quatro dias depois, a *Folha de S. Paulo* fez uma nova reportagem dizendo que Havelange havia selado as pazes com Falcão e que a seleção tinha todo o apoio paulista¹⁰⁰. O aniversário de João Havelange foi na semana seguinte e o *Jornal de Sports* fez várias reportagens sobre o evento, com uma pessoa representando o jornal na festa¹⁰¹.

Essa sequência de notícias mostra uma estreita relação do jornal com o presidente e essa proximidade pode ter facilitado qualquer acordo feito, já que era muito importante para o *Jornal dos Sports* ter essa relação próxima com Havelange. Rocha (2019) afirma que João Saldanha tinha uma imagem muito forte e popular, por ter sido um jornalista que escrevia críticas sem pudor que abraçava o pensamento de uma parte da população. Isso fez com que ele fosse uma excelente imagem e propaganda da seleção que foi bem utilizada pela mídia.

⁹⁹ *Folha de S. Paulo*, 23 de abril de 1969, edição 14556, Primeiro Caderno, p. 18.

¹⁰⁰ *Folha de S. Paulo*, 27 de abril de 1969, edição 14560, Primeiro Caderno, p. 28.

¹⁰¹ *Jornal dos Sports*, 08 de maio de 1969, edição 12553, p. 7.

Havelange, desse modo, trilhava o seu caminho para se consolidar como um grande dirigente no *Campo* do futebol mundial. Faltava, no entanto, mais uma conquista significativa para o credenciar como a pessoa certa para trilhar voos maiores. A conquista em definitivo da Taça Jules Rimet (taça dada ao primeiro país que conquistasse três vezes a Copa do Mundo), era essencial para essa consolidação e daria os *capitais* necessários para que o presidente da CBD pudesse iniciar suas movimentações para presidente da FIFA.

4. TRICAMPEONATO E ELEIÇÃO A FIFA

Logo no início do ano de 1970, já no dia 13 de janeiro, João Havelange e Silvio Pacheco são reeleitos com unanimidade entre as federações^{102 103} e o que impressiona nisso é que Mendonça Falcão, presidente da FPF, posicionava-se como um dos grandes personagens a favor de Havelange nessa reeleição. Depois de todas as intrigas e revoltas no começo do ano passado, o aval do presidente da FPF para a reeleição trouxe importantes *capitais políticos e simbólicos* para o Havelange que, conseqüentemente, o deu mais poder para agir.

Mesmo depois de todos os conflitos entre os paulistas e a CBD, a Federação Paulista não só aceitou, como passou a ser um apoiador da CBD e Havelange. Porém, a FPF pode ter se aquietado devido ao ano de Copa, já que, por mais que descontente com a situação, pelo bem do selecionado brasileiro não era um bom momento para ocasionar turbulências. Essa é outra demonstração do poder de Havelange. O presidente da CBD se deparou em uma situação extremamente complicada com intrigas que poderiam fazer com que o processo evolutivo do futebol brasileiro fosse moroso. Diante dessa situação, ele realizou movimentações e uma fala endereçada aos paulistas que foi publicada na *Folha de S. Paulo*¹⁰⁴. Essas ações foram suficientes para encerrar todas as brigas públicas e divisões geradas por ela no *Campo*.

No começo de março de 1970, o treinador João Saldanha se revoltou contra Vasco e Fluminense por não remarcar seu jogo que daria espaço para um amistoso da seleção brasileira contra o Flamengo. Nessa revolta, ele disse publicamente que o Flamengo era o melhor time e que o impedimento do jogo era por conta de inveja dos outros clubes. Ele também rejeitou as ideias que foram dadas para que o amistoso abrisse o jogo ou fosse adiado para terça-feira¹⁰⁵. Cinco dias após essa discussão, foram anunciadas reportagens com falas do Antônio do Passo, presidente da comissão técnica, de que as coisas na seleção brasileira não estavam indo bem e que Saldanha poderia sair do cargo, com o nome de Zagalo sendo citado como substituto, inclusive^{106 107}.

¹⁰² *Jornal dos Sports*, 14 de janeiro de 1970, edição 12802, p. 14.

¹⁰³ *Folha de S. Paulo*, 14 de janeiro de 1970, edição 14822, Primeiro Caderno, p. 11.

¹⁰⁴ *Folha de S. Paulo*, 09 de fevereiro de 1969, edição 14483, Primeiro Caderno, p. 24.

¹⁰⁵ *Jornal dos Sports*, 12 de março de 1970, edição 12859, p. 12.

¹⁰⁶ *Folha de S. Paulo*, 17 de março de 1970, edição 14884, Primeiro Caderno, p. 20.

¹⁰⁷ *Jornal dos Sports*, 17 de março de 1970, edição 12864, p. 1.

Então, no dia seguinte é anunciado que Saldanha não era mais técnico da seleção¹⁰⁸ e que Zagalo era o substituto¹⁰⁹. Essa passagem de João Saldanha como treinador da seleção não poupou polêmicas, pois além da conturbada entrada dele no cargo, sua saída foi ainda mais inesperada. As “feras de Saldanha”¹¹⁰ tinham bons resultados e só recebiam elogios da imprensa, mas o desfecho desta situação com o amistoso mudou esta postura.

O Flamengo processou João Saldanha por invadir armado as propriedades do clube, agredir o porteiro do clube e tentar agredir um cozinheiro¹¹¹, ele foi demitido e no outro dia o selecionado já tinha um novo treinador. Tudo isso em um período de cinco dias, faltando três meses para o início da Copa do Mundo do México.

Saldanha era crítico de Pelé, falava que ele atuava mal com a camisa da seleção e queria cortá-lo, mas Pelé trazia *capitais* importantes para a CBD e era de extrema importância que ele jogasse. Além disso, o processo do Flamengo foi silenciado e não houve notícias que falassem do ocorrido, as informações ficaram restritas somente às que anunciaram o processo. Isso indica que essa agressão possa ter gerado uma complicação maior do que aparenta.

Almeida (2013) por sua vez, relembra que Saldanha era um grande opositor do governo militar e que havia um temor do que o treinador poderia fazer indo ao México com toda a mídia que estava envolvida nessa Copa (que seria a primeira a ser transmitida ao vivo pela televisão brasileira). Então, havia um medo de Saldanha utilizar a plataforma midiática da Copa para denunciar o desrespeito aos direitos humanos com uma lista de presos políticos. Sendo assim, a saída de Saldanha como treinador do selecionado foi um golpe militar para afastar esse potencial problema (ALMEIDA, 2013). Devemos lembrar que era uma época de censura midiática e, por isso não encontramos nenhuma notícia relacionada a isso nos jornais. Entretanto, não há provas de que os militares apoiaram a saída de Saldanha, porém ele sofria muita pressão do grupo de treinadores brasileiros, já que ele ocupava o maior cargo da área, sendo um jornalista e há indícios de que esse confronto gerou a pressão necessária para sua saída.

Essa troca de treinadores fez com que Havelange perdesse *capitais simbólicos*, já que muitos ficaram receosos com a mudança de treinador às vésperas da Copa do Mundo,

¹⁰⁸ *Folha de S. Paulo*, 18 de março de 1970, edição 14885, Primeiro Caderno, p. 16.

¹⁰⁹ *Jornal dos Sports*, 18 de março de 1970, edição 12865, p. 1.

¹¹⁰ Nome dado por João Saldanha aos atletas da seleção que foi reproduzido pela mídia e pela CBD.

¹¹¹ *Jornal dos Sports*, 17 de março de 1970, edição 12864, p. 12.

ainda mais de uma maneira tão surpreendente e repentina. Essa mudança o obrigou a colocar à disposição do presidente Médici o cargo de chefe da delegação (que posteriormente foi ocupado por Brigadeiro Jerônimo¹¹²). Havelange buscava retomar sua confiança¹¹³ quando, em uma reunião com o ministro Jarbas Passarinho, descobriu que os dirigentes da CBD estavam sendo observados pelo governo e poderiam perder o trabalho dependendo do resultado da seleção na Copa¹¹⁴.

A partir da saída de Saldanha, a imprensa voltou a criticar a seleção e os militares começaram a observar mais de perto as movimentações da CBD. Essa pressão quase gerou a renúncia de Antônio do Passo. Todavia, Havelange conseguiu reunir um grupo de profissionais que foi considerado por muitos uma das melhores preparações de seleções para a Copa do Mundo de Futebol do século XX juntamente com uma tecnologia avançada e a utilização de estudos científicos. Essa comissão técnica, aliada ao altíssimo nível dos jogadores, trouxe o tricampeonato mundial para o Brasil. Esse título fez com que o mundo admirasse e estudasse o estilo de jogo brasileiro, pois com a conquista em definitivo da Taça Jules Rimet, era confirmada a sua qualidade. Essa identidade que conquistou *capitais* dentro do *Campo* do futebol mundial trouxe para a população algo nacionalista para se apoiar, pois o “nosso” futebol e estilo de jogo se tornava comprovadamente o melhor do mundo (MOSTARO e BRINATI, 2016).

Nesse momento, havia um *paradoxo da doxa* que versava sobre o dom dos brasileiros para praticar futebol, com argumentos de que ainda carregávamos genes africanos que facilitavam nossos movimentos e de que a cultura brasileira criava jogadores de futebol que a representavam. Após a Copa de 1966, foi divulgado de que para o Brasil ser campeão novamente, precisaríamos igualar a força física europeia e para isso foram contratadas comissões técnicas especializadas. A conquista do tricampeonato trouxe a imagem de que havíamos unido a nossa arte e, conseqüentemente, uma sensação de invencibilidade aos brasileiros (GIL, 1994)

O esporte é utilizado desde seus tempos primórdios para outros fins, como eventos sociais e religiosos na antiguidade e momentos educacionais e militares da atualidade. O esporte tem nas exposições esportivas, uma grande vitrine dentro do mundo mercantilizado. Entretanto, este ainda tem fim nele mesmo, ou seja, os objetivos do esporte, no fim das contas, são questões competitivas que geram pressão por resultado, e

¹¹² Folha de S. Paulo, 23 de abril de 1970, edição 14921, Primeiro Caderno, p. 35.

¹¹³ Folha de S. Paulo, 22 de março de 1970, edição 14889, Primeiro Caderno, p. 35.

¹¹⁴ Folha de S. Paulo, 22 de março de 1970, edição 14889, Primeiro Caderno, p. 36.

outros *capitais* que possam ser acumulados fora disso, são apenas objetos de conquista relacionado a sua eficiência nesses resultados (SIGOLI e JUNIOR, 2008).

Durante a divulgação do título de 1970, os militares queriam que a Copa do Mundo fosse uma ferramenta de ganho de *capitais simbólicos* com a intenção de produzir uma sensação de satisfação da população brasileira. Sendo assim, a mídia foi influenciada a dar os méritos do título para João Havelange, que o tornou o agente *do Campo* que mais acumulou *capitais* com a conquista. Isso aconteceu por conta de ser passada a imagem de que se não houvesse uma boa organização da delegação, não havíamos conquistado o título (ROCHA, 2019a).

Outro grupo que conquistou muitos *capitais políticos* e *simbólicos* com a vitória da seleção brasileira, foram os empresários. Estes apoiaram a delegação financeiramente de maneira que possibilitou a CBD colocar à disposição dos atletas e da comissão uma estrutura invejável que indubitavelmente fez a diferença na conquista. Em troca, eles se colocaram em uma posição social mais confortável, com um potencial maior de aquisição de *capitais* em diferentes *Campos* (ROCHA, 2019b)

Esses ganhos fizeram que as críticas cessassem e aparecessem elogios nas notícias dos jornais. Dias após o título do tricampeonato mundial, o nome de presidente da CBD já começava a ser ventilado como opositor a Stanley Rous na eleição para o cargo de presidente da FIFA¹¹⁵. Até que algumas semanas depois, ele anunciou oficialmente sua candidatura¹¹⁶, já que ela havia sido provisoriamente adiada com o fracasso da seleção brasileira na Copa de 1966.

No ano seguinte ao tricampeonato pouco foi falado sobre a CBD com João Havelange em constantes viagens em busca de conseguir seleções para participar da Taça Independência¹¹⁷. Essa taça foi criada para comemorar o sesquicentenário da Independência do Brasil, no entanto, era um momento oportuno para João Havelange mostrar que conseguiria organizar um campeonato de nível mundial e conversar com pessoas influentes ligadas a federações nacionais de futebol pelo mundo.

¹¹⁵ *Folha de S. Paulo*, 22 de junho de 1970, edição 14981, Primeiro Caderno, p. 8.

¹¹⁶ *Jornal dos Sports*, 15 de julho de 1970, edição 12984, p. 8.

¹¹⁷ Taça da Independência foi um torneio festivo em comemoração aos 150 anos de independência do Brasil.

Torneio Independência

Referindo-se ao Torneio Independência, que será realizado em 1972 no Brasil, o presidente da CBD disse:

Para iniciar, teremos uma despesa calculada de quatro milhões de dólares. Nos contatos que fizemos na Europa ficou claro que as seleções da Itália, Alemanha e Inglaterra somente poderão vir depois que a UAF (União Européia de Futebol) conciliar as datas de junho e julho, pois coincidem com a realização da Taça da Europa. Os presidentes das três federações se mostraram satisfeitos com o convite e vamos realizar uma série de reuniões na Europa com os nossos representantes para resolver o assunto. Ficou decidido, em princípio, que as cinco seleções campeãs mundiais — Brasil, Itália, Uruguai, Alemanha e Inglaterra

— serão finalistas. As 15 restantes farão as preliminares em três chaves de cinco, classificando-se três de cada grupo, que se juntariam as cinco campeãs para o turno final, em dois grupos de quatro, com a classificação de dois de cada grupo para as fases semifinal e final.

Para o Torneio, cujo vencedor receberá um troféu feito pela Casa da Moeda, com cinco quilos de ouro, já confirmaram presenças os seguintes países: todas as seleções da América do Sul, México, União Soviética, Iugoslávia, Portugal, França e seleções da Ásia e África. Com os campeões do mundo — Itália, Alemanha e Inglaterra — totalizam 20 países.

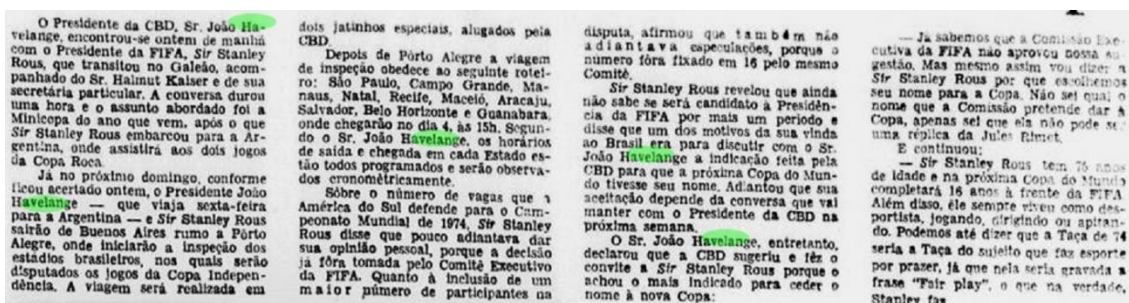
Folha de S. Paulo, 23 de abril de 1971, edição 15286, Primeiro Caderno, p. 17.

HAVELANGE PEDE LICENÇA	
<p>A diretoria da CBD estará reunida esta manhã. O Presidente João Havelange pedirá licença de 30 dias a fim de cumprir longo roteiro pela Europa, onde convidará diretamente os países para participar da Taça Independência. Assumirá a presidência o Sr. Sílvio Pacheco. O Sr. João Havelange, que viajará em companhia do Sr. Abílio de Almeida cumprirá o</p>	<p>seguinte roteiro: Paris, Moscou, Londres, Lisboa, Madri, Roma, Belgrado, Frankfurt, devendo possivelmente encerrar a sua viagem em Adis Abeba, capital da Abissínia. O Sr. Abílio de Almeida só irá até Moscou. De lá seguirá para o México e em seguida para Bogotá, onde dirigirá o torneio Pré-Olimpico que ali será disputado com a participação do Brasil.</p>

Jornal dos Sports, 19 de novembro de 1971, edição 13481, p. 5.

Não podemos dizer que esse torneio foi arquitetado com o pensamento de ajudar a eleição de Havelange, entretanto, com o poder que ele tinha no *Campo*, é provável que ele já tinha isso em mente quando a planejou. Seleções espalhadas por todo o mundo estavam sendo convidadas e ele era o responsável por apresentar o campeonato concomitantemente a sua eleição de presidente da FIFA. Durante o planejamento da Taça Independência, houve movimentações para que a taça do campeonato fosse batizada de *Stanley Rous*. No fim de julho, Rous veio para o Brasil conhecer as praças esportivas e autorizar a realização do evento. João Havelange aproveitou a oportunidade para elogiar o presidente da FIFA. Essa ação de Havelange foi surpreendente, já que Rous era seu

principal adversário na próxima eleição e toda sua campanha se baseava em críticas a centralização do poder da atual gestão da FIFA.



Jornal dos Sports, 28 de julho de 1971, edição 13367, p. 5.

Essa centralização do poder é mostrada na notícia onde Rous declara que o número de vagas para a Copa do Mundo de cada continente era decidida por um Comitê da FIFA, enquanto João Havelange divulgava sua campanha prometendo uma Copa do Mundo maior e mais abrangente, atingindo mais os continentes marginalizados por essa gestão que reservava a maioria das poucas vagas a Europa.

Porém, as notícias de que Rous estava pensando em não concorrer na próxima eleição geraram um *Campo* mais preparado para um momento de homenagens. Todavia, essa homenagem parece ter sido uma manobra para ganhos de *capitais políticos* dentro de um *subcampo* que Havelange carecia deles.

No entanto, alguns países importantes no *Campo* não aceitaram o convite da competição, como Inglaterra, Alemanha Ocidental, Áustria, Bélgica, Itália, Holanda e Espanha (REIS, 2019). Essa recusa causou desconforto aos gestores brasileiros que mudou a relação com esses países e cancelou a visita a Inglaterra que estava prevista para 1973¹¹⁸. Silvío Pacheco chegou a fazer declarações de que “fatores estranhos” atrapalhavam a vinda desses países a Taça Independência¹¹⁹. Acreditamos que havia resistência por parte de Stanley Rous e os europeus, já que tentar desprestigiar a Taça Independência poderia desprestigiar Havelange também.

Além do embate pela presidência da FIFA, Almeida (2013) pontua que Itália, Inglaterra e Alemanha desistiram da competição por perceber a *Taça Independência* como um evento que seria utilizado de plataforma política da ditadura. Entretanto, Reis (2019) informa que há escassez de informações para essa afirmação, citando que a

¹¹⁸ *Jornal dos Sports*, 12 de fevereiro de 1972, edição 13564, p. 5.

¹¹⁹ *Jornal dos Sports*, 19 de fevereiro de 1972, edição 13568, p. 5.

Alemanha havia disputado campeonatos de ginástica no Brasil naquele ano e a Espanha (uma das acusadas de desistir da competição por esse motivo) vivia sua própria ditadura militar. Acreditamos não ter encontrado nada nos jornais sobre o assunto por ser um momento de censura da mídia. Com essa censura de informações, as perdas de *capitais* em torno dessa decisão foram direcionadas à CBD e ao Havelange.

É sabido que Havelange sempre teve relações próximas com os presidentes da República envolvidos em sua gestão, especialmente o presidente Médici. A Taça Independência teve apoio incondicional do governo federal, pois este queria utilizar o futebol para unir o país e inflar o patriotismo. Além disso, o evento foi utilizado para popularizar a imagem de Médici e conquistar *capitais simbólicos*. A mídia fez uma grande cobertura do presidente nos eventos, narrando todos seus gestos como um brasileiro comum, que ficava ansioso e sofria com seu time (ALMEIDA, 2013; REIS, 2019).

Com esse apoio, João Havelange conseguiu realizar o campeonato com 20 seleções e o Brasil se sagrou campeão com a vitória de 1 a 0 sobre Portugal. Almeida (2013) citou a possibilidade de uma manipulação de tabela para o acontecimento desse confronto na final, Reis (2019), no entanto, acredita não ter acontecido tal manipulação, pois a distribuição de grupos (para ele) estava equilibrada e Portugal foi uma grande surpresa no campeonato. A Taça da Independência foi um grande sucesso e todos os *capitais simbólicos* que foram perdidos no momento do boicote, foram restaurados com a realização de um campeonato de nível mundial com excelência¹²⁰. Após essa competição, foram feitos fortes aliados na busca pelo comando da FIFA, como Portugal¹²¹.

Meses depois foi noticiado que a Taça da Independência tinha gerado mais de 9 milhões para a CBD (omitindo que os custos tinham sido acima dos 30 milhões e cobertos com fundos federais), mas que João Havelange havia ficado contente com a competição pela repercussão que teve no exterior¹²². Nesse momento, Havelange uniu os *capitais econômicos* da CBD (patrocinado pelos militares) a ele e, com isso, conseguiu trazer representantes de diversos países ao Brasil em um evento de gala.

Durante a competição e a preparação dela, Havelange conseguiu se reunir com representantes de diversas Confederações de futebol ao redor do mundo para anunciar sua campanha a presidente da FIFA e suas ideias para o cargo. Essa ação o despontou como

¹²⁰ *Jornal dos Sports*, 18 de julho de 1972, edição 13717, p. 7.

¹²¹ *Jornal dos Sports*, 19 de julho de 1972, edição 13718, p. 7.

¹²² *Jornal dos Sports*, 14 de janeiro de 1973, edição 13894, p. 4.

um agente importante dentro do *Campo* do futebol mundial. Dessa forma, podemos concluir que a Taça Independência foi um dos momentos em que a ditadura e o *Campo* do futebol nacional andaram lado a lado devido a interesses comuns de seus líderes. Após o campeonato, Havelange havia conquistado os *capitais* necessários para sua campanha à presidência da FIFA e Médici havia conquistado os *capitais* necessários para sua popularização e união do país durante a ditadura.

Em 1973, Havelange continuou viajando por muitos países anunciando sua campanha e conquistando aliados. Com o passar do tempo, ele acumulava muitos *capitais simbólicos* no *Campo* do futebol mundial, despontando como o favorito a ganhar as próximas eleições de presidente da FIFA.



Jornal dos Sports, 21 de outubro de 1973, edição 13168, p. 26 / *Jornal dos Sports*, 25 de novembro de 1973, edição 13203, p. 30.

Durante esses três anos de eleições concomitantemente com a presidência da CBD, Havelange direcionou suas atenções e esforços para a campanha de eleição. Deixando que outros gestores da CBD tomassem as decisões. Entretanto, esses outros agentes não detinham a quantidade de *capitais* necessárias para tomar decisões no *Campo* e acabaram se negligenciando delas, ou sendo criticados por suas ações.

Desta forma, os agentes *heterodoxos* se utilizaram da oportunidade para desprestigiar a entidade que estava temporariamente sem Havelange. Com o passar do tempo, a possibilidade da saída de Havelange para FIFA aumentava e isso tornava a CBD mais fragilizada no *Campo*, já que a entidade sem ele não detinha *capitais* suficientes para ter o mesmo poder. Essa movimentação dos *heterodoxos* fez com que gestores

importantes da CBD como Silvio Pacheco (Vice-Presidente) e Antonio do Passo (Diretor de Futebol) perdessem *capitais* no *Campo*.

Esse momento, apesar de pouco movimentado, foi muito importante para que estes não tivessem *capitais* suficientes quando a CBD tivesse que ser alterada pela saída de Havelange e, então, não conseguissem manter o processo administrativo presente no futebol brasileiro em 1973.



A. do Passo: incapaz

Folha de S. Paulo, 09 de julho de 1973, edição 16091, Caderno Ilustrada, p. 16

Importante lembrar que a chapa de João Havelange e Silvio Pacheco foi eleita pela sexta vez seguida em 1973¹²³. A candidatura de Havelange para presidente da FIFA fez com que ele conquistasse ainda mais *capitais simbólicos e políticos* no *Campo* do futebol nacional. Ele se utilizava desses *capitais* acumulados e a CBD como plataforma política. Ao mesmo tempo que viajava ao redor do mundo para anunciar sua campanha nos pontos estratégicos, Havelange tinha que manter o futebol brasileiro em ordem para não perder *capitais* importantes. Essa hipotética perda de *capitais* acarretaria uma derrota na eleição para presidente da FIFA. Entretanto, os responsáveis pela CBD (como citamos anteriormente) não eram capazes de tomar decisões do tamanho que Havelange tomava. Isso fez com que ele estivesse obrigado a se manter como um dos principais agentes do

¹²³ *Folha de S. Paulo*, 12 de janeiro de 1973, edição 15915, Primeiro Caderno, p. 19.

Campo do futebol nacional, enquanto acumulava *capitais políticos* para se tornar um dos principais agentes do *Campo* do futebol mundial.

Nesse momento conseguimos visualizar a trajetória de João Havelange com o futebol brasileiro sendo um *subcampo* do *Campo* do futebol mundial. Pois conforme ele galga por posições importantes na pirâmide social do futebol mundial, ele não pode se desprender das suas funções e seus *capitais* acumulados no futebol brasileiro. Esses *capitais* eram de vital importância para sua eleição na FIFA, já que ele sendo o principal agente no *subcampo*, o colocava como um dos agentes de importância no *Campo*. Então, uma perda de *capitais* que viessem a ocorrer dentro do *subcampo*, eram transferidos para seu prestígio dentro do *Campo*.

Mesmo distante Havelange conseguiu manter o seu poder no futebol brasileiro e a paz no *Campo*. Seu maior problema foi por conta da nacionalização do futebol, onde a CBD (e o governo militar) procurava popularizar o futebol colocando times de todos os cantos país no Campeonato Nacional. Entretanto, não havia planejamento para inserir muitos times em pouco tempo. Para isso, João Havelange estabeleceu ter um estádio aprovado pela entidade como um dos critérios para inserção no Campeonato Nacional. Sendo assim, nos primeiros anos da década de 1970, muitos estádios foram construídos pelo Brasil por conta dessas vagas (FRANCISCHINI, 2009).

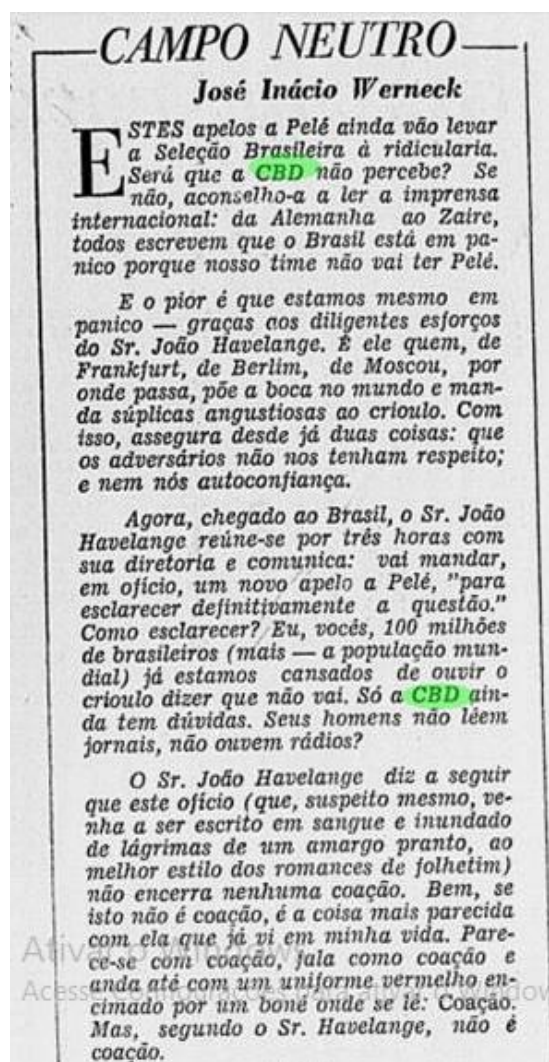
Porém, essa era só uma forma de desacelerar a entrada dos times no Campeonato e poder ir resolvendo o problema aos poucos. Então, enquanto milhões de cruzeiros eram gastos pelo Estado para construir os estádios, a CBD ia planejando e estimando prazos e vagas para os anos seguintes (FRANCISCHINI, 2009). Com esse prazo, a CBD conseguiu aumentar o número de participantes que era de 20, em 1971, para 40, em 1974. Importante ressaltar sobre o interesse dos bancos nesse momento, sendo responsáveis pelo necessário apoio financeiro para os governos conseguirem as reformulações e construções necessárias para essa requisição do futebol brasileiro (CALADO, 2015).

Ao nos lembrarmos que ele foi eleito presidente alcançando federações marginalizadas e que detinham muito poder nas mãos de poucas pessoas, vemos que ele tinha uma capacidade extraordinária de mapear as relações dentro do *Campo*. O poder de selecionar os participantes do Campeonato Nacional balanceando as relações de forma a se manter firme no topo, seria excelente nas mãos de Havelange. Entretanto, ele estava ausente da CBD, com seus focos nas relações internacionais para eleição da FIFA. Sendo assim, iniciaram-se atritos no *Campo* devido a má gestão de relacionamentos e alianças.

Chegamos em 1974 com Havelange abraçando muitas ocupações com sua candidatura e a CBD sendo comandada principalmente pelo vice-presidente, Silvio Pacheco. Sendo assim, esse ano simbolizava um abalo na estrutura do *Campo* do futebol nacional, já que o principal agente estaria deixando um cargo de extrema importância para o direcionamento do próprio *Campo*.

Porém, por ser ano de Copa, muitos estavam “engolindo palavras” para o bem da entidade que gerenciaria o selecionado em mais uma edição. Com todos os olhos voltados para a Seleção Brasileira, se questionava a ausência de Pelé na Copa, já que ele ainda jogava pelo Santos e tinha qualidade para ajudar o Brasil a ganhar outra vez. João Havelange chegou a fazer um pedido público para que Pelé reconsiderasse sua aposentadoria da seleção¹²⁴. Além dessas ações não terem sido suficientes para convencer Pelé a jogar a Copa, a mídia brasileira criticou a CBD por não aceitar a realidade e fazer tantas tentativas que a fizeram passar uma imagem de falta de confiança na equipe que estava indo à competição e na humilhação da entidade.

¹²⁴ Folha de S. Paulo, 7 de janeiro de 1974, página 1, Caderno de Esportes.



Jornal do Brasil, 30 de janeiro de 1974, edição 295, página 29.

No começo de 1974, a CBD sofria com muitas críticas regionais feitas por conta de decisões sobre quais equipes participariam do Campeonato Nacional. A entidade concedia vagas em grandes competições nacionais anualmente, aumentando a cada ano a quantidade de participantes. Essas alterações no regulamento produziam um inchaço no número de times nos campeonatos e não eram estabelecidos critérios específicos para os que entrariam para essas vagas. Assim, cabia à CBD direcioná-las de acordo com seus interesses políticos. Isso, porém, abria margem para discussões e perguntas que poderiam trazer perdas de *capitais políticos* no *Campo* para a própria CBD.

O regulamento de 1974 previa 40 participantes, porém foram noticiadas informações de que a CBD havia aumentado para 48 participantes já com algumas equipes em mente¹²⁵. Essas oito vagas a mais cobririam algumas regiões que estavam se

¹²⁵ *Jornal dos Sports*, 5 de janeiro de 1974, edição 13242, página 3.

manifestando por mais espaço, já que as vagas representavam a aquisição de muitos *capitais no Campo*. Entretanto, semanas depois a CBD anunciou que seriam mantidas 40 equipes e que as vagas seriam decididas regionalmente, gerando um grande tumulto. Havia equipes esperando e se planejando para o Campeonato Nacional, por conta das notícias de que os clubes seriam convidados a preencher essa vaga. Além disso, os clubes que tinham a vaga anunciada no Campeonato Nacional, nesse momento a viam sendo colocada em disputa novamente. Esse desequilíbrio da CBD, gerou muitas manifestações ao redor do país, conforme é possível ver nos recortes abaixo:

Decisão da CBD causa protestos

A decisão tomada anteontem pela CBD, limitando em 40 o número de participantes do próximo Campeonato Nacional — a ser iniciado em março — provocou grande revolta, principalmente nos oito clubes que haviam sido convidados extra-oficialmente pelo diretor de Futebol da entidade, Antônio do Passo, para disputar a competição e agora deverão ficar de fora.

Liderados pelo Cruzeiro de Porto Alegre e pelo Vila Nova de Goiás, representantes dos oito clubes vão se reunir em Goiânia, ainda esta semana, para organizar uma comissão que irá ao Ministro Passarinho explicar os seus prejuízos — em alguns de até Cr\$ 800 mil — e pedir providências.

Em Porto Alegre

Porto Alegre (Sucursal) — O presidente do Cruzeiro, Jaime Paz da Silva, afirmou ontem que o clube terá um prejuízo de Cr\$ 800 mil se não participar do próximo Campeonato Nacional, pois “desde o convite público feito pelo Sr. Antônio do Passo temos tratado de reorganizar o nosso Departamento de Futebol, já estando contratados um técnico e 19 jogadores.”

— Todos os clubes convidados pelo diretor de Futebol da CBD vão ficar em péssima situação e, por isso, vamos pedir ao Ministro Jarbas Passarinho para ajudar-nos a resolver o problema, afirmou o presidente do Cruzeiro.

O time gaúcho vem treinando diariamente no campo do XVIII Regimento de Infantaria (o seu antigo estádio foi transformado em cemitério), sob a orientação do técnico Sérgio Moacir, contratado por Cr\$ 8 mil mensais.

Em Goiânia

Goiânia (Correspondente) — Apesar de ainda estar esperando um comunicado oficial da CBD, confirmando a participação de apenas 40 clubes no Campeonato Nacional deste ano para fazer qualquer pronunciamento, a diretoria do Vila Nova — que assim seria eliminado — não escondia ontem a sua decepção, principalmente porque já havia investido mais de Cr\$ 700 mil.

Convidado extra-oficialmente por Antônio do Passo para disputar o Nacional deste ano, o Vila Nova ficará de fora se o número de participantes não for aumentado pois o Goiás será o único representante do Estado. Com isso, seu prejuízo será muito grande, pois estava reformando seu estádio, a concentração e reaparelhando os departamentos médico e odontológico, além de contratar vários jogadores.

Em Curitiba

Curitiba (Correspondente) — A confirmação de apenas 40 participantes no Campeonato Nacional de 1974 e a indicação de Coritiba e Atlético para representar o Paraná, causou grande decepção no Colorado, que havia sido extra-oficialmente convidado por Antônio do Passo e já iniciara os seus preparativos.

— Tudo já estava esquematizado, disse o presidente do Colorado Eni Egas. Os jogadores já estavam sendo contratados, havíamos formado uma Comissão Técnica e gasto bastante dinheiro. Tudo em vão. Mas tenho certeza de que haverá justiça e mais cedo ou mais tarde o Colorado participará do Nacional.

Em Aracaju

Aracaju (Correspondente) — Os dirigentes do Itabaiana, campeão estadual em 1973, estavam revoltados ontem com a decisão da CBD, forçando-o a uma melhor-de-três com o Confiança para escolher o representante de Sergipe.

Alegam os dirigentes do Itabaiana que, com a suspensão do Sergipe por um ano, o clube fora convidado para representar o Estado e, imediatamente contratou novo técnico — Daltro Meneses — e vários jogadores.

— Agora, se não ganharmos do Confiança, que utilizará 10 jogadores emprestados pelo Sergipe, teremos um enorme prejuízo, disse um diretor do clube, que é o mais organizado do Estado e o que tem a melhor estrutura financeira.

Em Florianópolis

Florianópolis (Correspondente) — Convidado para participar do Campeonato de 1973, mas eliminado à última hora pelo Figueirense numa melhor de três, o Avai conquistou o título de campeão estadual no ano passado e estava preparando-se para o Nacional deste ano, quando chegou a Florianópolis a notícia de que novamente terá de decidir com o Figueirense qual será o representante de Santa Catarina.

— Havíamos sido convidados para disputar o Campeonato Nacional de 1973 mas depois o critério de escolha foi mudado, tivemos de disputar a vaga com o Figueirense e acabamos eliminados. Agora, aconteceu a mesma coisa e, apesar dos prejuízos que teremos se não conseguirmos a classificação, temos de nos conformar.

A Federação Catarinense de Futebol já marcou as datas para a melhor de três: 6, 9 e 12 de fevereiro.

Em Cuiabá

Cuiabá (Correspondente) — O Presidente da Federação Mato-Grossense de Esportes, Bonilla Filho, telefonou ontem à tarde para o presidente da CBD e oficializou as datas de 6, 9 e 11 de fevereiro para a disputa da melhor de três entre Operário e Comercial, ambos de Campo Grande, para escolher o representante do Estado no Campeonato Nacional.

O presidente da FMGE disse ainda que somente poderão disputar estas partidas jogadores com situação plenamente regularizada no Conselho Regional de Desportos e que "vários dos atletas recentemente contratados pelo Operário não terão condição de jogo."

Em Maceió

Maceió (Correspondente) — A notícia de que Brasil e o Centro Esportivo Alagoano terão de fazer uma melhor de três para indicar o representante do Estado no Campeonato Nacional provocou muitos protestos em Maceió, principalmente entre os dirigentes do Brasil.

— A CBD não pode fazer isso conosco, pois quando o seu presidente, o Sr. João Havelange, esteve aqui no ano passado, garantiu ao Governador Afrânio Lages, e temos uma fita gravada para provar, que o campeão estadual de 1973 seria o representante de Alagoas no Nacional de 1974, e o Brasil então deve ser convidado.

Jornal do Brasil, 30 de janeiro de 1974, edição 296, página 51

Esse momento do *Campo* mostrava que ele estava em turbulência, já que muitas regiões estavam descontentes com o direcionamento das decisões da CBD e isso gerava um aumento no número de agentes *heterodoxos*. Paralelamente, seu principal agente estava se afastando de seu gerenciamento, com isso, sua vaga se tornava a mais visada e vigiada do *Campo*. Silvio Pacheco, era o candidato imediato por ter sido vice-presidente durante toda a carreira de João Havelange e presidente nos dois anos anteriores a Havelange. A entrada dele era eminente e chegou a ser anunciada nas mídias¹²⁶ no mesmo dia de anúncio da eleição de Havelange para presidência da FIFA.

No dia 12 de junho de 1974, Havelange era eleito presidente da FIFA após uma campanha em que ele viajou mais de 100 países, passando pela maioria duas ou mais vezes. O atual presidente da FIFA, Gianni Infantino, declarou ter gasto em sua campanha um valor análogo com o gasto da campanha de Havelange em 1974 (ROCHA, 2016). Podemos assemelhar a sua eleição para a FIFA com sua eleição para a CBD, pois em ambas as campanhas foi utilizada a mesma estratégia de angariar votos através de

¹²⁶ *Jornal dos Sports*, 12 de junho de 1974, edição 13394, p. 3.

membros votantes marginalizados pelas gestões das entidades na época. Sendo assim, Havelange conseguiu muito apoio da América do Sul, África e Ásia, ganhando o primeiro turno por 52 a 46 e ainda ampliou a vantagem no segundo turno quando venceu com o placar de 58 a 42.

Havelange é o presidente



CONGRATULAÇÕES. Havelange (à direita) é cumprimentado pelo derrotado presidente da FIFA, sir Stanley Rous, de 79 anos, depois de anunciado o resultado da eleição, em Frankfurt. Havelange terá mandato de quatro anos. UPI

O grande relógio do salão de convenções do "Airport International Hotel" de Frankfurt marcava 14 horas, quando o vice-presidente da FIFA, o soviético Victor Granatkin, anunciava o início da décima terceira eleição para a presidência da FIFA.

Sir Stanley Rous havia se retirado, pois, como candidato, não tinha direito de presidir os trabalhos de eleição.

Frio e calculista como sempre, Havelange, na primeira fila, a cada nome fazia anotações em sua "lista particular". Depois de cerca de 50 minutos o primeiro resultado: 62 para Havelange contra 50 de Stanley Rous. Aplaudido e cumprimentado efusivamente pela maioria dos delegados presentes, Havelange sabia, no entanto, que sua situação não era tão boa quanto parecia. Não conseguira os dois terços exigidos pelo regulamento e o próximo escrutínio seria vencido por aquele que obtivesse maioria simples. Tudo estaria bem se quatro votos não houvessem sido anulados. E se eles fossem dados a Stanley Rous? Um empate, àquela altura, seria desastroso.

Nervosamente, esperou mais 50 minutos e, depois disto, veio o veredicto final: 68 a 52.

Finalmente estava realizado o maior sonho de sua vida. João Havelange conseguira ser o presidente da FIFA.

ESPORTES

Folha de S. Paulo, 12 de junho de 1974, edição 16429, Primeiro Caderno, p. 1.

Entretanto, o *Campo* do futebol nacional ainda passava por turbulência, já que seus diretores eram atacados por críticas e discussões regionais, arquitetadas pelos paulistas, onde criticavam o então diretor de campeonatos, Antônio do Passo. O argumento era o favorecimento aos cariocas nas competições e essas as críticas também eram estendidas a Silvio Pacheco¹²⁷. Todas as revoltas contra a CBD e, mais especificamente, contra Antônio do Passo, foram feitas em um período que Havelange estava fora do país por conta da eleição da FIFA e Copa do Mundo. A revolta dos gaúchos (principalmente) com o Diretor de Futebol da CBD fez com que o cargo se tornasse insustentável a ponto de Havelange vir a renunciar¹²⁸. Quando Havelange retornou ao país no fim de agosto, ele

¹²⁷ Folha de S. Paulo, 06 de agosto de 1974, Primeiro Caderno, p. 31.

¹²⁸ Jornal dos Sports, 16 de agosto de 1974, edição 13458, p. 4.

anunciou que se manteria como presidente da entidade para resolver alguns compromissos assumidos e prestar contas. Nesse momento, ele também anunciou que não comandaria a CBD e a FIFA por ética, sendo assim, deixaria a CBD em janeiro de 1975 e Silvio Pacheco assumiria a entidade sem eleições.

Havelange reassume hoje e renuncia em 75

A hipótese de João Havelange se afastar da CBD nos próximos dias, elevando assim Silvio Pacheco à categoria de presidente, está completamente afastada, pelo menos por ora. Tudo porque na tarde de ontem o próprio Havelange confirmou que reassumirá as suas funções na reunião prevista para às 16 horas de hoje.

"Reassumo minhas funções e não vejo motivos para espanto algum. Só deixarei a CBD quando fizer um detalhado relatório dos 18 anos de minha atividade na entidade, quando saldar todos os compromissos financeiros já assumidos e fizer uma minuciosa prestação de contas. A data certa de minha saída eu decidirei com os demais membros da diretoria. Poderia até conciliar a presidência da FIFA com a da CBD, mas isto por uma questão de ética eu não o farei".

Com estas explicações, Havelange praticamente decidiu o destino da CBD, antes mesmo da reunião de hoje: ficará na presidência até janeiro de 75 e depois, então, renunciará, renúncia esta que provocará a posse imediata de Silvio Pacheco sem as propaladas eleições.

A manobra de Havelange será possível porque, de acordo com os estatutos, quando o presidente da CBD renuncia após cumprir dois terços do mandato o vice assume automaticamente.

Havelange confirmou que ontem almoçou com Antonio do Passo e na ocasião pediu-lhe que continuasse como diretor de Futebol por mais algum tempo. Passo não respondeu, mas não deverá aceitar. Havelange tem uma explicação para seu pedido:

"Ainda não recebi formalmente sua renúncia (Silvio Pacheco diz que sim) e não poderia analisá-la. Como Passo é um amigo pessoal e merecedor da maior confiança, tinha que lhe pedir para continuar".

Havelange estava calmo e atencioso. Chegou até ao ponto de ir à sala de imprensa, onde se encontravam alguns jornalistas. Também recebeu muita gente em seu gabinete. Conversou com Atilio de Almeida, com o presidente do Fluminense, Jorge Frias de Paula, e até com o major José Bonetti, que era apontado por Silvio Pacheco como o sucessor de Passo. Com este último deve ter acertado alguma coisa, mas nada anunciou.

Folha de S. Paulo, 28 de agosto de 1974, edição 16605, Primeiro Caderno, p. 26.

Logo após essa declaração:

Reassumo minhas funções e não vejo motivos para espanto algum. Só deixarei a CBD quando fizer um detalhado relatório dos 18 anos de minha atividade na entidade, quando saldar todos os compromissos financeiros já assumidos e fizer uma minuciosa prestação de contas. A data certa de minha saída eu decidirei com os demais membros da diretoria. Poderia até conciliar a presidência da FIFA com a da CBD, mas isto por uma questão de ética não farei.

Havelange saiu em mais uma das suas viagens para a eleição da FIFA e ninguém mais podia responder pela entidade além dele. Uma das principais preocupações dos agentes era o regulamento do Campeonato Nacional de 1975. Com a demora para definir o modelo do Campeonato Nacional e a impossibilidade dos outros membros da CBD em resolver problemas, a Federação Paulista ganhou força para fazer sugestões para a entidade de como agir. Além das sugestões, deixou claro sua insatisfação com as decisões tomadas na ausência de Havelange e sua vontade de que o Havelange terminasse o mandato.

Enquanto todos caminhavam na direção de mudanças, os cariocas mantiveram seu posicionamento exclusivo com pedidos de que o Campeonato Nacional tivesse menos

equipes¹²⁹. Isso gerou mais manifestações de Federações do Norte e do Nordeste que perderiam vagas caso o pedido fosse efetivado. Com muita pressão em cima de João Havelange, ele anunciou sua renúncia do cargo de Presidente da CBD.



Jornal dos Sports, 22 de novembro de 1974, edição 13556, p. 3.

Essa ação, apesar de prevista pela mídia na imprensa, é muito impactante para o *Campo*. Já que ela colocava a CBD novamente sem um próximo presidente, por conta de João Havelange planejar sua renúncia para semanas antes do prazo que precisava ser cumprido para que Silvio Pacheco ocupasse seu lugar automaticamente. A relação de 27 anos dos dois entrou em colapso, com o Silvio Pacheco renunciando seu cargo de vice-presidente dias depois desse anúncio¹³⁰.

O Almirante Heleno Nunes foi eleito como novo presidente da entidade com o presidente da FPF, Ermírio de Moraes, como vice-presidente¹³¹. Isso significava que após todas suas batalhas e disputas de poder nesse período de oito anos do estudo, os paulistas davam mais um importante passo em busca de mais poder. Um paulista eleito vice-presidente, apesar de parecer insignificante no momento, é advindo de todas as batalhas

¹²⁹ *Jornal dos Sports*, 16 de agosto de 1974, edição 13458, p. 4.

¹³⁰ *Jornal dos Sports*, 27 de novembro de 1974, edição 13561, p. 2.

¹³¹ *Jornal dos Sports*, 10 de janeiro de 1975, edição 13603, p. 1.

enfrentadas pelo Estado para ter voz no *Campo*. O passo à presidência da CBD foi dado somente 28 anos depois, com a eleição de José Maria Marín para presidente da CBF em 2012.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

João Havelange é um dos principais personagens da história do futebol brasileiro e, conseqüentemente, um dos principais personagens da literatura na área de história do futebol. Eleito em uma pesquisa do COI como um dos três maiores dirigentes esportivos do século XX, ele teve uma carreira repleta de feitos impressionantes e conquistas de títulos mundialmente reconhecidos. Durante a realização da pesquisa nos deparamos com diversas amostras de seu poder em um *Campo* que, além de contar com a imprevisibilidade do futebol, ainda conta com a movimentação da paixão de dezenas de milhões de brasileiros. Essa paixão torna o *Campo* mais “incontrolável”, já que contém ações realizadas por agentes onde os fatores passionais da sua consciência sobressaíram o racional.

Analisar Havelange e a CBD a partir das concepções de *Campo* e *capitais* de Bourdieu, nos ajudou a pensar as ações e decisões de maneira mais ampla e assim, entender melhor as conseqüências de suas ações. Com essa análise, conseguimos observar com detalhes a *doxa* imposta e seus paradoxos. A maneira com que esses paradoxos se infiltravam e movimentavam os agentes do *Campo* de forma que os tornassem “controlados” na sua forma de agir e pensar. Na sua passagem pela CBD, Havelange detinha muitos *capitais* que tornavam suas falas e ações inquestionáveis.

Para essa análise, é importante contextualizar que Havelange vem de uma família da elite carioca e teve seu passado diretamente envolvido com o esporte nacional. Com isso, ele se utiliza desses *capitais* obtidos através de sua família para criar relações importantes para seu alavancamento social. Porém, mesmo com esses *capitais* familiares de base, ele constantemente impressiona pela sua capacidade de mapear relações que podem gerar frutos positivos para sua carreira no futuro.

Havelange assume a presidência da CBD cinco anos após sua entrada na entidade, ao inverter cargos com Silvio Pacheco. Silvio, que era o presidente em 1955 e 1957, se torna vice de João Havelange e se mantém nessa posição por 17 anos, sendo que a sua saída da entidade foi concretizada por uma troca de poder nacional pelo poder internacional ao assumir a presidência da FIFA. Ele havia entrado na gestão por ser um dos principais cabos eleitorais na eleição de 1955, em que Silvio Pacheco foi eleito presidente. Nessa eleição ele provou seu alto conhecimento em mapeamento de relações, quando firmou parcerias com federações do Norte e do Nordeste, que eram marginalizadas pela atual gestão.

Quando ele assume a presidência em 1958, ele imediatamente ganha a Copa do Mundo com o selecionado brasileiro pela primeira vez na história. Quando falamos sobre títulos esportivos dessa magnitude, devemos citar a competência dos gestores que planejaram a preparação e a participação do selecionado no evento. Todavia, não podemos deixar de citar outros fatores (como simples azar em uma ação de jogo), que poderiam ter evitado esse título, contando com a imprevisibilidade do futebol.

A realidade é que jamais saberemos a repercussão que João Havelange teria caso não tivesse essa conquista, mas podemos indagar se ele teria todo esse tempo e apoio para realizar a caminhada vitoriosa da sua carreira. Esse primeiro título imediato alavancou o presidente no *Campo*, o dando *capitais* que os colocou como o principal gestor do futebol nacional. Esses *capitais* trouxeram apoio da nação e dos dirigentes esportivos da época, situando-o em uma posição de gestor de capacidade indubitável e decisões inquestionáveis.

O título do bicampeonato em 1962 acentua todas essas características do *Campo* e o desponta como um dos principais agentes do *Campo* do futebol mundial. Já que o país, nunca tinha sido reconhecido como uma potência e, apenas quatro anos após sua entrada, o Brasil era bicampeão mundial e tinha no seu selecionado o melhor jogador do mundo. Um feito inimaginável e jamais repetido.

Nosso trabalho começou no período mais difícil da jornada de Havelange, que se situa no seu primeiro fracasso como gestor durante a preparação e participação da Copa de 1966. Alguns personagens também foram alavancados com essas conquistas, como o Marechal da Vitória e Pelé. Conforme o futebol brasileiro foi conquistando títulos e encantando populações, esses agentes foram ganhando *capitais* que os davam mais poder no campo. Logo, eles viam suas vontades e opiniões sendo atendidas e seguidas com facilidade pelos agentes do *Campo*.

Por mais que muitas pessoas ao redor da CBD na época tenham acumulado muitos *capitais* ao redor de Havelange. O poder das decisões do *Campo* ainda estava nas mãos do presidente. Em 1966, houve divergências durante o processo de escolha da comissão técnica para a Copa do Mundo entre Paulo Machado e João Havelange. O Marechal ao descobrir que ele não tinha poder de decisão na comissão, mesmo com seu acúmulo de *capitais* e com a contrariedade da sua vontade representando seu afastamento do selecionado, ficou decepcionado e se utilizou da sua força com os paulistas para demonstrar seu descontentamento com a situação.

O presidente da CBD sempre foi uma pessoa de muitos laços sociais e sabia muito bem como usufruir dele. Além disso, ele sabia das necessidades que tinha e quais relações precisava ter para alcançar seus objetivos. Na sua entrada na entidade, ele prometeu fortalecer muitas regiões e esportes marginalizados pela antiga gestão. Fortalecer os paulistas era uma necessidade para sua aceitação completa no *Campo*. Com isso, ele se aproximou do Marechal e este se tornou o principal agente paulista no futebol nacional. Sendo assim, o chefe da delegação era a possibilidade dos paulistas para interferir nas decisões do campo e, conseqüentemente, fragilizá-lo resultava em fragilizar todo o futebol paulista.

Após as discussões públicas entre Havelange e Marechal, veio a derrota na Copa de 1966 com o presidente ocupando o cargo de chefe da delegação devido a ausência de Paulo Machado. Esse resultado fez com que Havelange perdesse e o Paulo Machado ganhasse prestígio no *Campo*. Essa derrota trouxe (além do desapontamento pelas atuações na participação) um desvio na sua desejada caminhada para presidente da FIFA. Essa perda de prestígio impossibilitou sua candidatura para a eleição da FIFA de 1970.

Sabendo que o único caminho possível para a recuperação desse prestígio e alcance desse desejo de se tornar presidente da FIFA era vencer a Copa de 1970, Havelange se afastou de suas promessas ao ser eleito presidente da CBD (como fortalecer regiões e os esportes marginalizados). Porém, agora ele tinha alguns agentes interferindo nas suas decisões e uma população descontente e duvidando de suas capacidades.

A ditadura militar fortaleceu sua interferência no futebol nacional com a criação da COSENA. A COSENA era uma comissão (com muitos militares) responsável por decidir todos os membros da comissão técnica e todos os jogadores convocados, deixando Havelange de mãos atadas em muitas decisões que ele estava acostumado a ser o responsável por tomar. Entretanto, a COSENA foi um fracasso e o poder retornou as mãos do Havelange.

Para se fortalecer ainda mais, Havelange repatriou Paulo Machado na CBD. Entretanto, a decisão de tornar João Saldanha técnico da seleção brasileira criou um novo embate de poder no *Campo*. Saldanha era um jornalista reconhecidamente opositor dos militares e de Paulo Machado de Carvalho. Havelange argumentou a escolha de tornar um jornalista treinador do selecionado como uma forma de agradar os próprios jornalistas que eram grandes críticos do futebol da seleção.

Porém, investigando a sequência de fatos, essa decisão se torna extremamente contraditória, já que o presidente estava tentando se reaproximar de Paulo Machado com

cautela e essa escolha sem dúvidas afastaria o Marechal de novo. Essa decisão nos pareceu ser feita pela ditadura militar como uma forma de desmoralizar um dos seus maiores críticos, colocando-o nessa função e acreditando que ele fracassaria, desmoralizando sua imagem.

Isso não aconteceu e as “Feras de Saldanha” venciam todos os jogos encantando quem tinha o prazer de vê-la. Conforme a Copa foi se aproximando, os militares temiam possíveis ações de Saldanha com tantos holofotes em suas falas no evento. Os militares se sentiam ameaçados pela possibilidade de Saldanha discorrer sobre uma lista de presos políticos e as atrocidades aos direitos humanos que estavam ocorrendo na época. Então, houve uma movimentação dos militares para que acontecesse a saída de Saldanha da seleção (ALMEIDA, 2013).

A saída de Saldanha aconteceu sob acusações de que ele havia invadido o centro de treinamento do Flamengo armado e ameaçado dois funcionários, mas houve poucas notícias na época e há pouca informação sobre o ocorrido nos jornais pesquisados sobre um acontecimento dessa magnitude. O caso foi abafado em dias e no dia seguinte a demissão de Saldanha, Zagallo já era anunciado como novo treinador da seleção. A quantidade de notícias e a velocidade com que Saldanha foi substituído nos fazem corroborar com a escrita de Almeida (2013), no qual diz que a saída de Saldanha foi uma movimentação militar.

Uma movimentação deste tamanho no selecionado, três meses antes da Copa e após o fracasso de 1966, teve pouca repercussão na mídia e quase nenhuma crítica ao planejamento da CBD. Acreditamos que a junção de forças de Havelange com suas relações com pessoas poderosas na mídia esportiva, juntamente com a ditadura militar e sua censura foram responsáveis por essa falta de repercussão, mas não podemos desconsiderar que era ano de Copa e que muitos agentes do *Campo* haviam concedidos poderes para não causar tumulto na organização em um ano tão importante para o país. A prova de que muitos abafaram esse acontecimento e que não houve perda de prestígio daqueles responsáveis pela organização, é que o *Planejamento México* (como foi denominado posteriormente) é encontrado na literatura até os dias atuais como um exemplo de trabalho de gestão e organização, mesmo com a mudança repentina e inconclusiva de treinador a três meses da Copa.

Após a conquista do tricampeonato e a aquisição definitiva da taça Jules Rimet, Havelange despontava como um dos maiores agentes do *Campo* do futebol mundial e anunciava sua candidatura a presidente da FIFA, que consolidaria na sua eleição ao cargo

quatro anos depois. Ao final da Copa, ele traçou seus objetivos nos próximos anos e iniciou o estreitamento de relações com pessoas que o ajudariam a alcançar a presidência da maior entidade do esporte do mundo.

Com isso em mente, ele começou a viajar o mundo com uma estratégia parecida com a que ele traçou para as eleições da CBD. Então, ele passava por muitos países marginalizados pela atual gestão da FIFA que defendia os interesses europeus e seduzia os responsáveis desses países para suas causas, prometendo um maior alcance da FIFA pelo mundo. Importante salientar também que o presidente havia ganhado muito respeito dentro da ditadura militar com a conquista do tricampeonato e se utilizou dessa proximidade para sua campanha.

A *Taça Independência* ou *Minicopa*, foi um grande exemplo dessa proximidade. Um trabalho em conjunto para alavancar as relações de Havelange ao redor do mundo e aumentar a nacionalização do país para a ditadura, se tornou um sucesso internacional, mesmo com o boicote de grandes potências europeias. Almeida (2013) justifica esse boicote com o argumento de que esses países perceberam a utilização do campeonato para impulsionar uma ditadura e preferiram se abster da participação. Já Reis (2019) argumenta sobre a disputa de Havelange e Rous pela presidência da FIFA e que Rous teria influenciado esses países a não participar para não prestigiar o candidato sul-americano. Observando a sequência da produção, acreditamos que ambos os argumentos tenham influenciado no boicote de diversas seleções europeias.

Durante o período entre as Copas de 1970 e de 1974, Havelange pouco se importava com o futebol nacional, mas era necessário que ele mantivesse o equilíbrio no *Campo* nacional durante o crescimento do Campeonato Nacional (a pedidos dos militares), para que ele não perdesse prestígio durante sua candidatura na FIFA. Por mais distante que ele estivesse, os agentes do *Campo* (principalmente os dominados) não respeitavam outras pessoas tomando decisões. Então, ele organizava curtas passagens ao país para resolver assuntos delicados do futebol nacional.

Os paulistas tiveram um grande acúmulo de *capitais* durante os anos do trabalho, atingindo um pico em 1969, antes da inserção de João Saldanha como treinador da seleção. Eles se utilizaram dos ganhos de prestígio do Marechal da Vitória para fazer dele um líder paulista. As ações *heterodoxas* encabeçadas pelos paulistas estruturaram o *habitus* do *Campo*, dando mais poder as regiões marginalizadas (principalmente os próprios paulistas) e gerando um pensamento crítico em muitos dominados sobre o

paradoxo da doxa que colocava os cariocas como os inquestionáveis responsáveis sobre o andamento do *Campo*.

Durante a estranha movimentação que tornou Saldanha treinador da seleção, os paulistas tomaram ações diferentes do que as que eles tiveram em momentos anteriores. Uma completa aceitação dos paulistas para com todas de as ações da CBD nesse momento, mesmo que isso custasse muito dos poderes adquiridos durante anos de trabalho, nos estranhou. Devemos salientar dois pontos que podem ter gerado essas ações: a) a grande movimentação nacional pela busca do tricampeonato mundial (encabeçado pela ditadura) fez com que muito agentes aceitassem perdas de *capitais* para evitar tumultos em torno da organização; b) a ditadura militar pode ter exercido alguma forma de pressão nos paulistas para não abalarem o *Campo* nesse momento tão chave do futebol brasileiro e da própria ditadura. O próprio Marechal da Vitória era muito próximo da ditadura, inclusive encabeçando a COSENA em 1968.

Com a finalização desse trabalho, devemos salientar a capacidade de João Havelange de construir relações em busca de seus objetivos. Uma habilidade construída em torno do seu próprio egoísmo, já que ele se aproximava e se afastava de pessoas conforme seus interesses próprios. Entretanto, essa habilidade foi uma das grandes responsáveis pelo sucesso de seu mandato e pela evolução do futebol brasileiro no período comandado por Havelange. Ele era muito cuidadoso com seus envolvimento e quase nunca tomava direcionamentos no seu nicho social sem buscar algo em troca. Enfim, para reforçar as categorias bourdiesianas, Havelange conhecia o *Campo* e era capaz de influenciar diretamente nas disputas de poder da CBD e da FIFA.

Alguns exemplos do período podem ser citados, como sua aproximação aos esportes olímpicos e federações do norte e nordeste durante sua chegada na CBD e seu completo afastamento aos ideais olímpicos e brigas políticas por ações *ortodoxas* no final de seu mandato. Podemos citar também a demora para a conquista do ouro olímpico para o futebol brasileiro, já que uma das principais ações de Havelange durante sua entrada na FIFA foi enfraquecer o futebol olímpico (GIGLIO, 2016). Sendo assim, sugerimos a possibilidade de Havelange ter dado menos atenção ao futebol nos Jogos Olímpicos que esta deveria ter, pois com sua influência, ele conseguiria incentivar um certo desleixo da direção do futebol brasileiro com a competição. Incentivando assim, um dos mais importantes países do esporte a desmerecer a competição.

Havelange acumulou uma quantidade de *capitais* jamais vista por um gestor do futebol brasileiro. Soares, Salvador e Bartholo (2004) fizeram um estudo com notícias da

época de 1970 e analisaram com as memórias que foram revividas durante as Copas de 1998 e 2002, nele mostrava que em 1970, 71% das notícias analisadas se referiam ao excelente planejamento que a seleção fez para aquela Copa, enquanto na Copa de 1998, 79% das notícias se referem a qualidade dos jogadores, e na Copa de 2002, esse número subiu para 89%. Isso nos mostra o quão poderoso era Havelange, pois durante sua presidência na CBD, os agentes do *Campo* davam toda atenção da conquista para sua gestão. Porém, décadas depois, ele (e toda a gestão do Planejamento México) foi “esquecida” por ele não estar mais presente e não precisar dos seus *capitais* para alcançar seus objetivos.

Mesmo com todas suas críticas e denúncias, não se pode desconsiderar a capacidade administrativa de Havelange. Ele foi o responsável por tornar o futebol brasileiro uma espécie de religião no Brasil e trouxe três títulos de Copas do Mundo ao país, colocando-o no patamar mais alto do futebol mundial e gerando essa identificação da população com o esporte que é reconhecida mundialmente até os dias atuais.

Não estamos dizendo que o fim, com os títulos e o tamanho do futebol brasileiro dentro dos *Campos* do futebol mundial e do esporte nacional, justifica os meios. Porém, devemos salientar sua capacidade fora de série de realizar ações e aproximar pessoas que o ajudariam a se manter e crescer na sua caminhada em busca dos objetivos pessoais. O sucesso do futebol brasileiro e o aumento da paixão do brasileiro com o esporte eram passos necessários para sua carreira e ele obteve tamanho sucesso nela, que jamais vimos um gestor esportivo no mundo com resultados e premiações dessa grandeza. Afinal, ele soube entender a dinâmica do *Campo* e conseguiu prever as ações que deveria fazer para se manter durante muito tempo como um dos agentes principais do *Campo* esportivo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. **O regime militar em festa**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2013.

AROSTEGUI, J. **A pesquisa histórica: teoria e método**. EDUSC, 2006.

BLOCH, M. **Apologia da história**. Zahar, 2002.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

_____. **Sobre a televisão**. Oeiras: Celta Editora, 1997.

_____. **A dominação masculina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**. n. 5, p. 193-216, 2011.

CALADO, D. Ditadura militar e futebol: a construção do Estádio do Arruda e a realização da taça independência em Recife (1972). **Simpósio Nacional de História**, XXVII, Natal, 2015.

CHARTIER, R. Pierre Bourdieu e a história. **Topoi (Rio de Janeiro)**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 139-182, 2002.

COUTO, A. A. G. Uma arena de notícias: a fundação do Jornal dos Sports e os seus primeiros editoriais. **Encontro regional da Anphur-Rio**, v. 14, 2010.

_____. Visões cariocas sobre o esporte e a cidade: uma viagem pelas crônicas esportivas do Jornal dos Sports (1950-1958). **PUBLICATIO UEPG: Ciências Sociais Aplicadas**. Ponta Grossa, v. 25, n. 2, p. 217-228, 2017.

_____. Crônicas e cronistas: (inter)subjetividades e emotividade no Jornal dos Sports (1950-1958). **Record: Revista de História do Esporte**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-22, 2019.

COUTO, C. G. Oligarquização em um grande clube de futebol: o caso do Sport Club Corinthians Paulista. **Organizações & Sociedade**. Salvador, v. 16, n. 48, p. 237-260, 2017.

DAMATTA, R. A antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP: Dossiê Futebol**. São Paulo, v. 22, p. 10-17, 1994.

DIAS, A. Da modernização à autoridade: a grande imprensa brasileira, entre a ditadura e a democracia – Folha de S. Paulo e O Globo, 1964-2014. **Opin. Pública**. Campinas, v. 25, n. 3, p. 472-494, 2019.

DURANTI, L. Registros documentais contemporâneos como provas de ação. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 49-64, jul. 1994.

ENNE, A. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. **Fronteiras-estudos midiáticos**. São Leopoldo, v. 6, n. 2, p. 101-116, 2004.

FLORENZANO, J. P. Quando éramos exóticos: futebol e alteridade. **Revista USP**. São Paulo, n. 117, p. 39-52, 2018.

FRANCISCHINI, S. A difícil nacionalização do futebol brasileiro: A era Havelange. In: COSTA, C.; TOLEDO, L. **Visão de jogo: Antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009. p. 167-195.

GABRIEL, B.; FREITAS JUNIOR, M. O discurso acerca da seleção brasileira presente na Folha de S.Paulo durante o ano de realização da “Germany World Cup”. **Rev. bras. educ. fís. esporte**. São Paulo, v. 30, n. 2, p. 371-383, 2016.

GIGLIO, S. S. **COI x FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos**. 2013. 518 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

_____. As estratégias de João Havelange para enfraquecer o futebol olímpico. **Revista USP**. São Paulo, n. 108, p. 67-76, 2016.

GIL, G. O drama do “Futebol-Arte”: o debate sobre a seleção nos anos 70. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 9, n. 25, p. 100-109, 1994.

HERNANDEZ, J. João Carvalhaes, um psicólogo campeão do mundo de futebol. **Estudos e pesquisas em psicologia**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 1027-1049, 2011.

LEITE, C. Teoria, Metodologia e Possibilidades: Os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas: Revista do Curso de História de Araguaína**. Araguaína, v. 7, n. 1, p. 03-17, 2015.

MACHADO, T. M. **A medicalização no futebol brasileiro: discursos, saberes e práticas (1950-1966)**. 2014. 296 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MAGALHÃES, L. História e biografia: a trajetória de João Havelange (1916-2016). In: **VIII Jornadas de Trabajo sobre Historia Reciente 9 al 12 de agosto de 2016 Rosario, Argentina**. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Centro de Investigaciones Socio Históricas, 2016.

MARINHO, M; CORNELSEN, E. Quando a preparação faz a diferença: o “Planejamento México” e a seleção brasileira de 1970. **Ludopédio**, v. 131, n. 2, 2020. Disponível em <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/quando-a-preparacao-faz-a-diferenca-o-planejamento-mexico-e-a-selecao-brasileira-de-1970/>>. Acesso em 15 junho 2020.

MICHEL, R. **Os partidos políticos**. São Paulo: Senzala, 1969.

MOSTARO, F. F. R.; BRINATI, F. Imprensa, representações e narrativas: a Copa de 1970 e a consolidação do discurso sobre futebol-arte. **Triáde: comunicação, cultura e mídia**. Sorocaba, v. 4, n. 7, p. 109-125, 2016.

OLIVEIRA, A. **A figuração política nas organizações esportivas do futebol brasileiro**: estudo de caso. 2018. 151 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo, n. 114, p. 179-195, 2001.

REI, B. D. **Celebrando a pátria amada**: esporte, propaganda e consenso nos festejos do Sesquicentenário da Independência do Brasil (1972). 2019. 210 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

RIBEIRO, K. S.; ALMEIDA, M. A. B. de. A mídia impressa e o tricampeonato mundial de futebol: relações entre o ufanismo e o obscurantismo. **Recorde: Revista de História do Esporte**. Rio de Janeiro, v.7, n.1, 2014.

ROCHA, L. G. B. S. P. Joao Havelange, uma vida extraordinária. **Ludopédio**, São Paulo, v. 83, n. 8, 2016. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/joao-havelange-uma-vida-extraordinaria/>>. Acesso em: 18/01/2021.

_____. **A dança das cadeiras**: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974). 2019. 377 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019a.

_____. Os empresários, a pátria e a bola: nacionalismo, organização empresarial e o financiamento da seleção brasileira de futebol de 1970. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 32, n. 68, p. 655-674, 2019b.

RODRIGUES, E. **Jogo duro**: a história de João Havelange. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

SARMENTO, C. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SIGOLI, M.; JUNIOR, D. A história do uso político do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília, v. 12, n. 2, p. 111-120, 2008.

SILVA, R. G. F. F. da. O futebol brasileiro como espaço de disputa política (1969-1980). **Esporte e Sociedade**. Niterói, v. 11, n. 28, p. 1-21, 2016.

SOARES, A.; SALVADOR, M.; BARTHOLO, T. O “futebol arte” e o “planejamento México” na copa de 70: as memórias de Lamartine Pereira da Costa. **Movimento**. Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 113-130, 2004.

SOUZA, J.; ALMEIDA, B.; MARCHI JUNIOR, W. Por uma reconstrução teórica do futebol a partir do referencial sociológico de Pierre Bourdieu. **Rev. bras. educ. fís. esporte**. São Paulo, vol.28, n.2, p. 221-232, 2014.

SOUZA, J.; MARCHI JUNIOR, W. As linhagens da sociologia do futebol brasileiro – Um programa de análise. **Movimento**. Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 101-118, 2017a.

____.; _____. Bourdieu e a sociologia do esporte: contribuições, abrangência e desdobramentos teóricos. **Tempo Social**. São Paulo, v. 29, n. 2, p. 243-286, 2017b.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. Brasília: UnB. 2 ed. 1999.

ZARDO, A.; SOUZA, J.; STAREPRAVO, F. Gestores do esporte e visões de política esportiva no Brasil (1937-2016): uma abordagem sociológica. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 30, n. 53, p. 119-133, 2018.

LISTA DE FONTES

- Jornal dos Sports*, 15 de janeiro de 1958, edição 08704.
Jornal dos Sports, 1 de janeiro de 1966, edição 11354.
Jornal dos Sports, 7 de janeiro de 1966, edição 11358.
Jornal dos Sports, 12 de janeiro de 1966, edição 11363.
Jornal dos Sports, 13 de janeiro de 1966, edição 11364.
Jornal dos Sports, 14 de janeiro de 1966, edição 13365.
Jornal dos Sports, 18 de janeiro de 1966, edição 11369.
Jornal dos Sports, 27 de janeiro de 1966, edição 11378.
Jornal dos Sports, 03 de fevereiro de 1966, edição 11385.
Jornal dos Sports, 06 de fevereiro de 1966, edição 11388.
Jornal dos Sports, 08 de fevereiro de 1966, edição 11390.
Jornal dos Sports, 10 de fevereiro de 1966, edição 11392.
Jornal dos Sports, 11 de fevereiro de 1966, edição 11393.
Jornal dos Sports, 12 de fevereiro de 1966, edição 11394.
Jornal dos Sports, 13 de fevereiro de 1966, edição 11395.
Jornal dos Sports, 15 de fevereiro de 1966, edição 11397.
Jornal dos Sports, 16 de fevereiro de 1966, edição 11399.
Jornal dos Sports, 16 de fevereiro de 1966, edição 11398.
Jornal dos Sports, 1 de março de 1966, edição 11408.
Jornal dos Sports, 2 de março de 1966, edição 11409.
Jornal dos Sports, 3 de março de 1966, edição 11410.
Jornal dos Sports, 4 de março de 1966, edição 11411.
Jornal dos Sports, 5 de março de 1966, edição 11412.
Jornal dos Sports, 9 de março de 1966, edição 11416.
Jornal dos Sports, 12 de março de 1966, edição 11419.
Jornal dos Sports, 13 de março de 1966, edição 11420.
Jornal dos Sports, 18 de março de 1966, edição 11425.
Jornal dos Sports, 21 de março de 1966, edição 11428.
Jornal dos Sports, 22 de março de 1966, edição 11429.
Jornal dos Sports, 09 de junho de 1966, edição 11507.
Jornal dos Sports, 27 de julho de 1966, edição 11557.
Jornal dos Sports, 24 de agosto de 1966, edição 11585.
Jornal dos Sports, 09 de setembro de 1966, edição 11601.
Jornal dos Sports, 10 de setembro de 1966, edição 11602.
Jornal dos Sports, 16 de setembro de 1966, edição 11608.
Jornal dos Sports, 22 de outubro de 1966, edição 11645.
Jornal dos Sports, 23 de outubro de 1966, edição 11646.
Folha de S. Paulo, 11 de janeiro de 1967, edição 13723, Primeiro Caderno.

Folha de S. Paulo, 08 de maio de 1967, edição 13840, Primeiro Caderno.
Jornal dos Sports, 11 de maio de 1967, edição 11839.
Jornal dos Sports, 21 de maio de 1967, edição 11849.
Jornal dos Sports, 7 de junho de 1967, edição 11866.
Jornal dos Sports, 08 de julho de 1967, edição 11895.
Jornal dos Sports, 20 de julho de 1967, edição 11909.
Jornal dos Sports, 22 de julho de 1967, edição 11911.
Jornal dos Sports, 28 de julho de 1967, edição 11916.
Jornal dos Sports, 18 de agosto de 1967, edição 11938.
Jornal dos Sports, 29 de setembro de 1967, edição 11980.
Jornal dos Sports, 03 de outubro de 1967, edição 11984.
Jornal dos Sports, 04 de outubro de 1967, edição 11985.
Jornal dos Sports, 24 de novembro de 1967, edição 12035.
Jornal dos Sports, 10 de janeiro de 1968, edição 12077, p. 6.
Folha de S. Paulo, 3 de fevereiro de 1968, edição 14111, Caderno Ilustrada.
Folha de S. Paulo, 28 de janeiro de 1968, edição 14105, Primeiro Caderno.
Jornal dos Sports, 28 de janeiro de 1968, edição 12095.
Jornal dos Sports, 30 de janeiro de 1968, edição 12097.
Jornal dos Sports, 31 de janeiro de 1968, edição 12098.
Jornal dos Sports, 02 de fevereiro de 1968, edição 12100.
Folha de S. Paulo, 03 de fevereiro de 1968, edição 14111, Caderno Ilustrada.
Jornal dos Sports, 04 de fevereiro de 1968, edição 12102.
Jornal dos Sports, 23 de fevereiro de 1968, edição 12121.
Jornal dos Sports, 24 de abril de 1968, edição 12178.
Jornal dos Sports, 03 de março de 1968, edição 12126.
Jornal dos Sports, 23 de março de 1968, edição 12146.
Folha de S. Paulo, 27 de março de 1968, edição 14164, Segundo Caderno.
Jornal dos Sports, 11 de maio de 1968, edição 12195.
Jornal dos Sports, 16 de maio de 1968, edição 12200.
Jornal dos Sports, 17 de maio de 1968, edição 12201.
Folha de S. Paulo, 18 de maio de 1968, edição 14216, Caderno Ilustrada.
Jornal dos Sports, 18 de maio de 1968, edição 12202.
Jornal dos Sports, 04 de setembro de 1968, edição 12312.
Jornal dos Sports, 25 de junho de 1968, edição 12241.
Jornal dos Sports, 27 de junho de 1968, edição 12243.
Jornal dos Sports, dia 25 de julho de 1968, edição 12271.
Jornal dos Sports, dia 22 de outubro de 1968, edição 12360.
Jornal dos Sports, dia 23 de outubro de 1968, edição 12361.
Folha de S. Paulo, 04 de dezembro de 1968, edição 14416, Primeiro Caderno.
Jornal dos Sports, 04 de janeiro de 1969, edição 12432.

Folha de S. Paulo, 07 de janeiro de 1969, edição 14450, Primeiro Caderno.
Folha de S. Paulo, 11 de janeiro de 1969, edição 14454, Primeiro Caderno.
Jornal dos Sports, 12 de janeiro de 1969, edição 12440.
Jornal dos Sports, 14 de janeiro de 1969, edição 12442.
Folha de S. Paulo, 26 de janeiro de 1969, edição 14469, Primeiro Caderno.
Jornal dos Sports, 06 de fevereiro de 1969, edição 12464.
Jornal dos Sports, 08 de fevereiro de 1969, edição 12467.
Jornal dos Sports, 09 de fevereiro de 1969, edição 12468.
Folha de S. Paulo, 09 de fevereiro de 1969, edição 14483, Primeiro Caderno.
Jornal dos Sports, 10 de fevereiro de 1969, edição 12469.
Folha de S. Paulo, 09 de março de 1969, edição 14511, Primeiro Caderno.
Jornal dos Sports, 26 de fevereiro de 1969, edição 12482.
Jornal dos Sports, 07 de março de 1969, edição 12491.
Jornal dos Sports, 10 de abril de 1969, edição 12525.
Folha de S. Paulo, 23 de abril de 1969, edição 14556, Primeiro Caderno.
Folha de S. Paulo, 27 de abril de 1969, edição 14560, Primeiro Caderno.
Jornal dos Sports, 08 de maio de 1969, edição 12553.
Jornal dos Sports, 14 de janeiro de 1970, edição 12802.
Folha de S. Paulo, 14 de janeiro de 1970, edição 14822, Primeiro Caderno.
Folha de S. Paulo, 09 de fevereiro de 1969, edição 14483, Primeiro Caderno.
Jornal dos Sports, 12 de março de 1970, edição 12859.
Folha de S. Paulo, 17 de março de 1970, edição 14884, Primeiro Caderno.
Jornal dos Sports, 17 de março de 1970, edição 12864.
Folha de S. Paulo, 18 de março de 1970, edição 14885, Primeiro Caderno.
Jornal dos Sports, 18 de março de 1970, edição 12865.
Folha de S. Paulo, 22 de março de 1970, edição 14889, Primeiro Caderno.
Folha de S. Paulo, 23 de abril de 1970, edição 14921, Primeiro Caderno.
Folha de S. Paulo, 22 de junho de 1970, edição 14981, Primeiro Caderno.
Jornal dos Sports, 15 de julho de 1970, edição 12984.
Folha de S. Paulo, 23 de abril de 1971, edição 15286, Primeiro Caderno.
Jornal dos Sports, 28 de julho de 1971, edição 13367.
Jornal dos Sports, 12 de fevereiro de 1972, edição 13564.
Jornal dos Sports, 19 de fevereiro de 1972, edição 13568.
Jornal dos Sports, 18 de julho de 1972, edição 13717.
Jornal dos Sports, 19 de julho de 1972, edição 13718.
Jornal dos Sports, 14 de janeiro de 1973, edição 13894.
Jornal dos Sports, 21 de outubro de 1973, edição 13168.
Jornal dos Sports, 25 de novembro de 1973, edição 13203.
Folha de S. Paulo, 09 de julho de 1973, edição 16091, Caderno Ilustrada.
Folha de S. Paulo, 12 de janeiro de 1973, edição 15915, Primeiro Caderno.

Jornal do Brasil, 30 de janeiro de 1974, edição 295.

Jornal dos Sports, 5 de janeiro de 1974, edição 13242.

Jornal do Brasil, 30 de janeiro de 1974, edição 296.

Folha de S. Paulo, 12 de junho de 1974, edição 16429, Primeiro Caderno.

Folha de S. Paulo, 28 de agosto de 1974, edição 16605, Primeiro Caderno.

Jornal dos Sports, 22 de novembro de 1974, edição 13556.

Jornal dos Sports, 16 de agosto de 1974, edição 13458.

Jornal dos Sports, 27 de novembro de 1974, edição 13561.

Jornal dos Sports, 10 de janeiro de 1975, edição 13603.